

CLIPPING SEMANAL DE MINERAÇÃO 13 a 18 de outubro de 2014

(Coordenação: Karen C. Nasser de F. Borges, Ad Hoc Consultores Associados Ltda)

DESTAQUES DA SEMANA

Pobre em novidades, o noticiário semanal do Setor Mineral traz como destaque as demissões e o processo de recuperação judicial da MMX, mineradora criada pelo outrora “serial-empresendedor” Eike Batista, ex-bilionário que anunciou recentemente seu ingresso na classe-média.

Além da montanha-russa do conglomerado “X”, merece atenção o processo de esfriamento do mercado de commodities provocado pela estratégia chinesa de esfriar a os preços por meio de uma aparente redução na demanda e nos investimentos, a qual, combinada com a tática de ampliação da oferta com redução de margens comerciais, adotada pelas grandes empresas, sinaliza riscos de um possível oligopólio das minas australianas no mercado internacional de minério de ferro.

Para o Brasil, que vem se tornando cada vez mais espectador e menos protagonista na cena mineira internacional, essas tendências terão forte impacto na expansão das exportações de minério de ferro e no desenvolvimento de importantes pólos mineiros emergentes. Ao que tudo indica, a expansão na oferta tende a ficar limitada à capacidade da Vale em Carajás. Nas outras regiões, nordeste e centro-oeste, o atraso ou o cancelamento dos novos projetos em andamento Brasil afetará os investimentos em expansão da infra-estrutura de transporte e energia (ferrovias, portos, energia etc.), cujos benefícios tendem a ser compartilhados com outros setores da economia, resultando em uma série de efeitos negativos generalizados, comprometendo a geração de empregos, renda e a arrecadação tributária.

A gravidade da situação demanda bom-senso e ação rápida visando criar um clima atraente para novos investimentos no binômio “mineração + infraestrutura”, como forma de sairmos da platéia e retornarmos ao palco do desenvolvimento da indústria mineral internacional.

Luciano de Freitas Borges - Ad Hoc Consultores Associados Ltda.

1-13/10/2014

Mineradora de Eike Batista começa a demitir em Minas

MMX vai dispensar 120 funcionários, um quarto da força de trabalho da companhia, diz sindicato

Por Glauce Cavalcanti/karla Mendes

RIO — A MMX, mineradora de Eike Batista, começou a demitir nesta sexta-feira, afirma Agostinho José de Sales, presidente do Sindicato Metabase de Brumadinho

(MG). A companhia, continua ele, anunciou em reunião realizada à tarde, em Belo Horizonte a dispensa de 120 funcionários ligados à operação do complexo minerário de Serra Azul.

Os funcionários voltaram ao trabalho na quinta-feira, após um período de 30 dias em férias coletivas. A medida teria sido tomada, segundo a MMX, por conta da retração no preço do minério de ferro no mercado internacional e restrições operacionais da empresa. Com isso, as atividades em Serra Azul foram paralisadas. Em fevereiro último, a lavra foi suspensa em parte da mina por decisão da Secretaria de Meio Ambiente de Minas Gerais.

— A empresa está parada, mas não vão demitir todo mundo. Na terça-feira, o Ministério Público do Trabalho fará uma vistoria na mina — explica Sales. — A posição da MMX sobre os demais funcionários só deve ser anunciada depois disso.

A mineradora trabalhava com a possibilidade de que o embargo à lavra no complexo minerário de Serra Azul pudesse ser suspenso até a data prevista para o retorno dos colaboradores ao trabalho, disse Renato Gonzaga, gerente de Relações com Investidores da MMX, na semana passada. Na ocasião, ele afirmou ainda que, caso isso não se confirmasse, a companhia daria férias remuneradas aos funcionários no mês de outubro, reconhecendo que, sem operar, o passivo da empresa cresce.

QUESTIONAMENTOS AMBIENTAIS

A Secretaria de Meio Ambiente de Minas Gerais, no entanto, diz que o embargo não será retirado até que todos os questionamentos ambientais sejam esclarecidos. A interdição das operações de lavra foi pedida após a identificação de danos causados a pequenas cavernas subterrâneas na área da mina.

O órgão solicitou à mineradora estudo que avaliasse a relevância dessas cavidades. O documento entregue pela MMX não respondeu por completo às questões levantadas, de acordo com a secretaria. A companhia precisou entregar novo relatório explicativo, detalhando esclarecimentos sobre outros 40 itens. O prazo para análise deste material, que chegou ao órgão ambiental mineiro na semana passada, é de até 120 dias.

A conduta da MMX nas negociações com a Secretaria mineira de Meio Ambiente parece ter mudado, afirma uma fonte próxima:

— Antes, eles tinham pressa. Traziam todas as informações rapidamente, pois diziam que não podiam fechar a mina. Agora, o discurso é que não aguentam mais a situação devido à crise do minério de ferro. Estão mais lentos — disse a fonte.

Levando em conta o número de trabalhadores e famílias impactadas pelo entrave operacional, continua a fonte, seria viável fechar um acordo para solucionar a questão ambiental. O problema incluiria, porém, outros fatores afetando a saúde financeira da mineradora.

PREÇOS EM QUEDA

O preço do minério de ferro segue caindo no mercado internacional. Até quinta-feira, a queda acumulada no ano chegava a 39%, valendo US\$ 81,40 a tonelada seca. No início de 2014, saía a US\$ 133,41. As ações da MMX também perderam mais de 88% em valor desde janeiro. Hoje os papéis estão cotados a R\$ 0,48. No mercado, crescem os rumores de que a empresa estaria perto de entrar em recuperação judicial.

O Sindicato Metabase de Brumadinho se esforça para conter as demissões na MMX. Para isso, protocolou documento solicitando o cancelamento das dispensas de trabalhadores. Vai aguardar o posicionamento formal da mineradora para solicitar uma reunião de urgência junto à Delegacia Regional do Trabalho de Minas Gerais.

— Não recebemos queixas de trabalhadores demitidos. Muitos pediram para serem incluídos na lista de corte. Eles temem que a empresa quebre, e que eles fiquem sem receber o que têm direito — conta Sales.

Procurada, a companhia ainda não se manifestou.

A divulgação dos resultados da MMX, relativos ao segundo trimestre deste ano, está marcada para o próximo dia 15. Na data, deve ser também anunciado o novo plano de negócios da mineradora. Eike segue como controlador da companhia, com 57,42% do capital.

2-13/10/2014

Carvão: China cria novas tarifas de importação. Australianos desesperam

Em busca de um ar mais puro os chineses estão tentando melhorar a qualidade do carvão importado e reduzir as importações. É com esse objetivo que o governo chinês terminou ontem com a tarifa zero sobre o carvão importado. A partir de agora o antracito, carvão de alta qualidade terá um imposto de importação de 3%, os outros carvões mais pobres de 5% e o betumem de 6%. Com as novas taxas a tonelada do carvão térmico subiu US\$4.40.

O ajuste dá, também, um novo fôlego aos produtores de carvão doméstico que estão com margens muito reduzidas, com 70% deles já no vermelho. As importações chinesas no ano caíram 5,3% para 202 milhões de toneladas. Esse imposto irá penalizar sobremaneira os mineradores australianos.

A Austrália é a principal exportadora de carvão para a China e as suas minas já estão começando a fechar, graças às reduções das importações dos chineses, das novas exigências quanto à qualidade e dos preços que já despencaram 22% neste último ano. Até a brasileira Vale já fechou duas minas de carvão na Austrália, amargando um prejuízo bilionário. A nova tarifa de importação será o beijo da morte para muitos mineradores australianos de carvão. Mais de 10.000 empregos já foram cortados na indústria de carvão australiana antes dos novos impostos...

Fonte: www.geólogo.com.br

3-13/10/2014

Nippon Steel quer gestão independente na Usiminas

Por **Ivo Ribeiro** | De São Paulo

A Nippon Steel & Sumitomo, maior conglomerado japonês de aço e segundo do mundo, informou ao **Valor** que quer chegar logo a um acordo com seus sócios argentinos na Usiminas e aponta, que, para o bem da siderúrgica mineira, a melhor solução é a escolha de um presidente que não tenha vínculo com nenhum dos dois lados. Sua sócia no negócio, com quem vive um conflito societário de mais de um ano e que já foi parar na Justiça, é a Ternium, uma empresa controlada do grupo ítalo-argentino Techint.

A Nippon Steel e o grupo Ternium/Techint são as acionistas do bloco de controle que dão as cartas na Usiminas. Firmaram um acordo de acionistas, que vai até 2032, pelo qual todas as decisões estratégicas requerem consenso de ambos. Ou seja, juntas podem aprovar tudo que for proposto para a empresa e, sem uma delas, tudo trava. Mas não previram solução para casos de divergências.

O conflito tem na sua raiz problemas sobre o modelo de gestão dos executivos argentinos indicados para a diretoria executiva da companhia em janeiro e fevereiro de 2012. Após evidências de quebra das normas de conduta (compliance), apontada por auditorias interna e externas, com pagamentos irregulares de bônus e outras remunerações, os japoneses mais dois acionistas minoritários - fundo de pensão Previ e Fundo L. Par - votaram pelo afastamento dos executivos de seus cargos em 25 de setembro durante reunião do conselho administrativo.

A Ternium, cujo presidente do conselho é Paulo Rocca, italiano de nascimento radicado na Argentina, quer seus executivos de volta aos seus cargos na Usiminas. A Nippon Steel, comandada por Shoji Muneoka, chairman do conglomerado, diz que os procedimentos de Julián Eguren, presidente, e Paolo Bassetti e Marcelo Chara, vice-presidentes, configurou "total quebra de confiança".

Uma gestão sob o comando de um nome independente de cada um dos acionistas visa evitar que a companhia seja conduzida como se fosse uma empresa subsidiária de um ou do outro grupo, como avalia que vinha ocorrendo nesses dois anos e quase nove meses de gestão de Eguren. Ele foi indicado pela Ternium para presidir a Usiminas com a chegada dos argentinos e recebeu na época a aprovação do grupo japonês. Mas a Nippon Steel se considera muito decepcionada com sua gestão.

Japoneses consideram exagerado o número de 40 argentinos que foram trazidos para trabalhar na Usiminas

Na avaliação da Nippon Steel, essa forma de gerir a Usiminas não pode ocorrer mais. A empresa é uma companhia com capital aberto, tem minoritários, é regida por leis brasileiras e o seu controle compreende uma sociedade de iguais com os argentinos. A gestão, enfatiza o grupo japonês, deve buscar o melhor para a companhia brasileira em primeiro lugar, de acordo com as regras de governança interna e o que determina o seu estatuto.

A configuração ideal de uma nova gestão, aponta, é ser comandada por um presidente neutro (independentemente de nacionalidade) e mais seis diretores executivos: dois indicados pelos argentinos, dois pelos japoneses e dois brasileiros. Esse modelo, conforme apurou o **Valor**, deverá ser levado às próximas reuniões do conselho de administração da Usiminas, agendadas para o fim deste mês e fim de novembro. Diz que o que está em questão é o melhor interesse para a Usiminas.

Na reunião prévia à do conselho, dois dias antes de 25 de setembro, a Ternium se recusou a indicar novos nomes para o lugar os três diretores que viriam a ser afastados por uma eleição dos conselheiros, com seis votos a favor, incluindo o de minerva do presidente do conselho, e cinco contrários. Não se prevê, no setor, que mude de ideia a curto prazo, alongando a batalha judicial.

Os japoneses dizem querer que a governança da Usiminas seja aprimorada e que haja equilíbrio na representação de cada lado. Consideram, por exemplo, que é exagerado o número de 40 argentinos trazidos por Eguren para ocupar cargos diversos de gerência e supervisão. Segundo afirma, não houve nenhuma consulta à Nippon Steel, como estava previsto em acordo das duas companhias. E que o grupo japonês só trouxe metade (cerca de 20 pessoas) e que todos passaram na época pelo crivo do presidente.

A sócia japonesa informa que um amplo plano de governança que foi negociado até novembro do ano passado com o presidente executivo, envolvendo 25 pontos, não foi colocado em prática por Eguren. A Ternium concordou com 19 desses pontos e parcialmente com alguns dos seis itens que o executivo não concordou plenamente. Entre os aprovados aponta três exemplos: maior autonomia aos chefes das usinas, inclusive para definir a utilização de orçamento específico; elaboração de plano de sucessão para brasileiros serem promovidos e a Usiminas ficar mais independente; e o estabelecimento de procedimentos para análise e acompanhamento dos investimentos.

A Nippon questiona também o resultado financeiro da Usiminas em 2013, atribuído a uma "ótima gestão" de Eguren. Passou de prejuízo de R\$ 600 milhões no ano anterior para lucro de R\$ 17 milhões. Ao contrário, afirma que a quase totalidade do resultado é decorrente de fatores externos à empresa, como câmbio, melhoria dos preços do aço no mercado interno, mais vendas locais e queda dos preços de minério de ferro e carvão, as duas principais matérias-primas. Mas ressalta que, na linha dos custos operacionais, houve piora de 2012 para 2013 e que esse quesito não contribuiu em quase nada para o lucro.

Outra coisa que considera inconcebível - e que não perdoa. Em um de resultado tão ruim, como foi o de 2012, com vários sacrifícios, sem pagamento de dividendos e bônus de desempenhos a todos os executivos, os diretores argentinos se preocuparam em receber bônus não previstos na empresa, sob pretexto de aquisição de carro para a família, daí classificados como "bônus car".

O grupo diz que as auditorias externas - Deloitte e E&Y - foram sugeridas pela Previdência Usiminas (acionistas ligada aos empregados) para ratificar o relatório interno. Com base nas suas informações, o Comitê de Auditoria interna, com voto de desempate do representante da Previ, recomendou a destituição.

Para a Nippon Steel e seus advogados, não houve violação do acordo de acionistas, pois o que estava em questão era o problema de compliance e a diretoria, devido à falta de consenso, estava desde 25 de abril não reconduzida. Tanto que, afirma, o juiz e o desembargador que analisaram o caso na Justiça de Minas Gerais, baseados nos fatos, negaram três pedidos liminares da Ternium.

Em outro relatório, concluído em outubro de 2013, os japoneses apontam pagamentos discrepantes no total de R\$ 8, 9 milhões relativos ao "programa de expatriados", aprovado em novembro de 2012, para contemplar funcionários "importados". O

departamento de recursos humanos usou brechas do programa para as irregularidades. por causa do "bônus car" e de outras falhas, o vice-presidente de RH, Vanderlei Schiller, foi demitido na semana passada.

Outra auditoria interna identificou mais R\$ 8,9 milhões que foram pagos indevidamente no programa de expatriados

Conforme a Nippon Steel, ao não acatarem os pedidos de devolução dos bônus irregulares na sua integralidade, mesmo depois de comprovados por auditoria interna no início deste ano, o grupo não tem mais confiança na gestão de Eguren e dos outros diretores. E que seus conselheiros na Usiminas, acompanhados por dois minoritários, recomendaram seus afastamentos seguindo dever fiduciário e zelando pela governança da companhia.

A recondução aos cargos, como exige Rocca e representantes da Ternium, "está fora de questão, com 100% de chance de não retorno". A não ser por uma ordem judicial, contra a qual continuará lutando para não ocorrer.

A Nippon Steel diz também ter sido surpreendida pela atitude da Ternium ao adquirir 10,2% das ações da Previ. Até porque se trata de papéis fora do acordo de acionistas. Garante não ter sido notificada por nenhum dos dois acionistas e que diz ter ouvido de pessoas questionamentos se, de fato, havia negociações desde janeiro.

Sobre problemas operacionais, principalmente na usina de aço de Cubatão (SP), a sócia japonesa reclama que Eguren, e principalmente Chara, vice-presidente industrial ignoraram recomendações de técnicos japoneses. Com isso, a usina teve perdas expressivas de produção. Uma das causas pode ter sido o corte exagerado de funcionários na empresa. Com terceirizados e subsidiárias, a empresa cortou cerca de 10 mil pessoas desde o fim de 2011. A Nippon diz não ter números exatos.

Outro ponto de discórdia entre os sócios se refere ao tradicional acordo de transferência de tecnologia da Nippon para a Usiminas. Eguren travou as negociações de renovação do último acordo, que venceu em abril, e que vinham sendo discutidas desde 2013. Vê como essencial, pois a usina de aço de Ipatinga (MG) foi montada com base na tecnologia japonesa e requer atualização.

A informação que diz dispor é que a Ternium quer vender licenças tecnológicas dela. Mas considera isso improvável, pois não dispõe do mesmo padrão da Nippon Steel. Tanto que fez uma joint venture, a Tenigal, com a japonesa para transferência know-how de aços específicos para fornecer ao setor automotivo no México.

4-13/10/2014

Busca de convergência na sustentabilidade esbarra no recorde de desmatamento em MG

Por **Daniela Chiaretti** | De São Paulo

O programa ambiental do candidato à Presidência Aécio Neves (PSDB) procura cativar o eleitorado de Marina Silva com um discurso inovador no que toca às cidades. Quer estabelecer metas de redução de desperdício de água nas redes públicas, incentivar a adoção de horários variados nas jornadas de trabalho para evitar congestionamentos, criar uma política nacional de poluição sonora, definir metas de preservação por bioma.

O plano, contudo, não estabelece metas concretas.

Sustentabilidade é um dos cinco eixos do programa de governo de Aécio Neves. Elaborado pelo advogado Fabio Feldmann, ex-deputado federal constituinte e ex-secretário estadual de meio ambiente de São Paulo e por José Carlos Carvalho, ex-ministro de meio ambiente do governo Fernando Henrique Cardoso, tem pontos de confluência com o programa de Marina Silva - na agenda de mudança do clima, no estímulo às energias renováveis, em colocar foco na transição para a economia de baixo carbono, em respeitar os limites do planeta - pontos que a ex-candidata do PSB reforçou ao declarar seu apoio a Aécio Neves.

O programa de Marina estabelecia metas de expansão de metrô, energia solar em casas e até meta para emissão de gases-estufa - não há números no programa do PSDB. "Resolvemos não colocar metas porque temos dúvidas se são factíveis", diz Feldmann. Os maiores pontos de crítica à agenda socioambiental do PSDB talvez não estejam no programa, mas na atuação em Minas Gerais e São Paulo. Minas se mantém como campeão de desmatamento da Mata Atlântica por cinco anos consecutivos. "É verdade, não há justificativa", diz Feldmann. Ele registra, no entanto, que o mau desempenho é recente e atinge mais a gestão do ex-governador Antonio Anastasia, do PSDB, do que o governo de Aécio Neves. Críticas de ambientalistas também miraram toda a gestão de Bruno Covas na secretaria estadual de Meio Ambiente de São Paulo. "É um desastre, não tenho o que comentar", diz Feldmann. Covas foi o deputado federal mais votado do PSDB.

No capítulo de agricultura, o programa prevê agilizar a aprovação de agrotóxicos - item importante da agenda ruralista e controverso para os ambientalistas - e não cita a atualização do índice de produtividade agrícola.

Na questão indígena, um dos temas mais sensíveis na interface socioambiental e ruralista, o candidato do PSDB manifestou-se, em sabatina recente na Confederação Nacional da Agricultura contra a PEC 215 (a proposta de emenda constitucional que transfere para o Congresso a demarcação de terras indígenas, tarefa que é atribuição do Executivo). O programa não cita a Funai. "A intenção é fortalecer a Funai, mas o órgão tem que aumentar a capacidade de diálogo com as partes interessadas", diz Feldmann.

Na demarcação das terras indígenas - no capítulo de desenvolvimento econômico - a proposta é de se utilizar o ministério da Agricultura como apoio aos estudos técnicos sobre a legitimidade dos pleitos de reconhecimento de áreas indígenas". A ideia é cara aos ruralistas e é próxima ao que o governo de Dilma Rousseff esboça fazer. A convergência com o programa de Marina está na prevenção de conflitos em função de "demarcações tardias, com previsão de indenização para os possuidores de títulos legítimos".

Outro ponto crítico, o novo código de mineração, Aécio apoia o novo marco regulador, "mas não as emendas de deputados que atingem unidades de conservação e terras indígenas", diz Feldmann.

"Daremos importância à produção de petróleo do Pré-sal", diz o advogado. O programa estimula fontes renováveis de energia, incluindo a retomada do etanol. Feldmann diz que tiveram preocupação em reforçar a importância das salvaguardas no pré-sal. O programa é bastante inovador em alguns tópicos. Defende uma política internacional para que os oceanos sejam priorizados nos tratados globais. Propõe editar normas específicas sobre a introdução de espécies invasoras. "O mexilhão dourado, por exemplo, entrou pela bacia do Prata e aqui não tem inimigo natural", conta Feldmann. É um problema para as hidrelétricas: tem aderência nas turbinas e sua remoção provoca paralisação das usinas.

O programa não defende o desmatamento zero, nem desmatamento líquido zero (corta-se em um lugar e compensa-se em outro). "Teríamos dificuldades até legislativas com desmatamento zero e tenho dúvidas sobre a operacionalidade de se desmatar em uma área e recuperar em outra", diz. A estratégia é defender uma legislação de proteção específica por biomas - como prevê a Constituição. Há compromissos em criar políticas nacionais de fauna e de solos.

O programa coloca foco especial nas cidades. Na agenda das águas, a ideia é "estimular, em conjunto com Estados e municípios, a implantação de medidores de consumo individuais" e editar normas para reúso. Também pretende estabelecer uma política nacional de combate à poluição sonora.

5-13/10/2014

London Mining tem negócios paralisados na bolsa de Londres

A mineradora africana London Mining, listada na Bolsa de Londres, pediu ao AIM para que suas ações não sejam negociadas até que seja definida a sua real posição financeira. Existe a possibilidade de que as ações já não tenham nenhum valor.

A London Mining está, praticamente, fechando uma venda para a indiana JSW Steel. Se esse deal for fechado o valor residual das ações, ainda em posse dos acionistas, será pulverizado pela forte diluição. A London Mining já perdeu mais de 96% do seu valor nestas últimas semanas e essa debilidade atraiu o bilionário indiano Sajjan Jindal que pensa comprar barato e transportar o minério de ferro da mina Marampa para a Índia.

Fonte: www.geologo.com.br

6-13/10/2014

Importações chinesas de minério de ferro sobem em setembro, preço baixo eleva negócios

XANGAI (Reuters) – As importações de minério de ferro da China cresceram em setembro depois de caírem por dois meses, com preços fracos da commodity levando operadores a fechar mais negócios por motivos de financiamento, enquanto as chegadas de carga mais cedo devido a um longo feriado nacional também impulsionaram os embarques.

O principal comprador do mundo de minério de ferro importou 84,69 milhões de toneladas do produto siderúrgico em setembro, o segundo maior volume deste ano e com um aumento de 13,1 por cento em relação ao mês anterior, mostraram dados oficiais da autoridade aduaneira da China nesta segunda-feira. Os embarques para o mês também subiram 13,6 por cento ante um ano antes, levando o total das importações para os primeiros nove meses do ano para 699,07 milhões de toneladas.

Os preços do minério de ferro despencaram 40 por cento este ano e estão perto de uma mínima de cinco anos, de menos de 80 dólares por tonelada, em meio ao aumento da oferta de grandes mineradoras como Rio Tinto e Vale. Separadamente, as exportações de produtos de aço cresceram 9,8 por cento, para 8,52 milhões de toneladas, enquanto as importações aumentaram 16,2 por cento, para 1,36 milhão de toneladas, mostraram dados da alfândega.

Fonte: Reuters

7-13/10/2014

ENEVA E COPELMI ANUNCIAM CAPITALIZAÇÃO DE MINERADORA NO SUL

Empresa comercializará carvão da Mina de Seival, inclusive com projetos termelétricos da Eneva

A Eneva e a Copelmi Mineração anunciaram a celebração de um protocolo de entendimento, que, dentre, outros assuntos, prevê a capitação da Seival Sul Mineração, arrendatária dos direitos à exploração das jazidas de carvão mineral da Mina Seival. A operação objetiva a aquisição pela Seival Sul das ações da Companhia Nacional de Mineração Candiota, detentora e arrendadora dos direitos minerários da mina.

Segundo comunicado da Eneva, a capitalização da Seival Sul será realizada exclusivamente pela Copelmi. Com isso, a participação das duas empresas será

invertida, dos atuais 70%, a Eneva passará a ter 30% da mineradora; já a Copelmi, aumentará de 30% para 70%.

A titularidade dos direitos minerários pela Seiva Sul permitirá a comercialização do carvão extraído da mina, inclusive para terceiros. Mas permanece em vigor a garantia de fornecimento aos projetos Seival e Sul.

Fonte: Agência Canal Energia

8-13/10/2014

ITAITUBA CONTARÁ COM UNIDADE DA SEICOM

A Secretaria de Estado de Indústria, Comércio e Mineração (Seicom) assina no próximo dia 18, em Itaituba, oeste do Estado, o Termo de Cooperação Técnica com a empresa The Nature Conservancy (TNC), que marca o início das atividades na unidade local.

Outras duas já foram inauguradas em Marabá, em 2013, e São Félix do Xingu, instalada esse mês com o objetivo de aprimorar e executar as ações previstas no Decreto nº 45.936, que regulamenta a Taxa de Controle, Monitoramento e Fiscalização das Atividades de Pesquisa, Lavra, Exploração e Aproveitamento de Recursos Minerários (TFRM), e também trata do Cadastro Estadual (CERM), nos termos da Lei nº 19.976/2011. Em comum, todas tem a missão de atuar como agências de desenvolvimento regional.

A parceria com a TNC, uma organização sem fins lucrativos que já atua em 28 países, resultou no apoio à instalação da nova unidade administrativa da Seicom, de forma a assegurar a execução efetiva do Plano de Desenvolvimento Regional, que prevê projetos estruturantes na região do Tapajós.

Pela experiência em dialogar com a iniciativa privada para ajustar condicionantes de acordo com a necessidade local, a Seicom também assinará um Termo de Cooperação Técnica com a Prefeitura Municipal, para que esta possa integrar o grupo de apoio juntamente com a The Nature Conservancy.

Os primeiros trabalhos incluem a produção de um diagnóstico de capacidades de gestão e a instituição da governança para direcionar uma real agenda de desenvolvimento, que identifique os gargalos a serem solucionados. O primeiro passo neste sentido já foi dado no primeiro encontro realizado pela Seicom, em março deste ano, pautado no Diálogo para a Elaboração de Agenda Pró-Desenvolvimento Territorial.

Também de 13 a 15 de outubro, em Itaituba, ocorrerá o primeiro módulo do Curso de Extensão Territórios com Mineração, uma ação do Programa de Desenvolvimento dos Territórios com Mineração executado pela Seicom, com o propósito de desmistificar a questão mineral no Estado, e que será ministrado pelo professor Rodolpho Bastos. O

segundo módulo será realizado entre os dias 27 e 31 de outubro, conduzido pela professora Ludetana Araújo.

Fonte: Agência Pará

9-13/10/2014

MINERADORAS ESTÃO ENTRE AS MELHORES EMPRESAS PARA SE TRABALHAR

Mineradoras e empresas ligadas ao setor de mineração estão entre as 150 melhores empresas para se trabalhar no Brasil em 2014, segundo ranking divulgado esta semana pela revista *Você S/A*. A lista, dividida em 19 setores, não inclui o setor de mineração, mas Sama e Samarco se destacam na categoria Indústrias Diversas. Gerdau, Eternit, Metso e Caterpillar também estão entre as melhores de suas categorias.

De acordo com o ranking da *Você S/A*, a Sama Minerações Associadas é a melhor empresa para se trabalhar na categoria Indústria Diversas, com 89 pontos. A mineradora conta com 702 funcionários, com uma média de idade de 37 anos e tempo de casa de 11 anos. A nota recebida na avaliação dos funcionários foi de 85,6.

Já a Samarco Mineração ocupa a sexta posição na mesma categoria, com 81,4 pontos no ranking e 80,7 na avaliação dos empregados. A mineradora, operada por uma joint venture entre Vale e BHP Billiton, conta com 2.911 trabalhadores e a média de idade e tempo de serviço na empresa é de 37 e 10 anos, respectivamente.

A Gerdau lidera o setor de siderurgia e metalurgia, com 81,1 pontos. Na avaliação dos cerca de 24.480 empregados, a empresa recebeu nota superior à do ranking, alcançando 82,5 pontos. A idade média dos trabalhadores da Gerdau é de 36 anos, e o tempo médio de trabalho na empresa é de 10 anos.

Ainda no setor de siderurgia e metalurgia, aparece a Metso, com 75,4 pontos, ocupando a 4ª posição do ranking na categoria. Os 1.943 empregados avaliaram ainda melhor a empresa, com 76,5 pontos. A idade média dos trabalhadores da Metso é a mesma da Gerdau, 36 anos, mas eles possuem em média um ano a mais de tempo de serviço, 11 anos.

A Caterpillar aparece em segundo lugar na indústria automotiva, com 88,6 pontos. A empresa, que presta serviços para o setor de mineração, conta com 4.435 empregados, com tempo médio de 11 anos na empresa e idade média de 36 anos. A nota na avaliação dos trabalhadores da Caterpillar também foi superior à do ranking, com 89,4 pontos.

No setor de construção, a Eternit, proprietária da Sama Mineração, foi a terceira colocada, com 78,5 pontos. No entanto, na avaliação dos 1.209 empregados a nota da empresa foi inferior, com 72,9 pontos. A idade média dos trabalhadores da Eternit é de 35 anos e a média de trabalho na empresa é de oito anos.

Em 2014, a Elektro foi eleita a campeã entre todas as empresas participantes. A distribuidora de energia recebeu 95,8 pontos e, na avaliação dos 3.695 funcionários, chegou a 98,3 pontos.

A equipe da Você S/A viajou a 95 cidades e entrevistou funcionários de 184 empresas para chegar à lista das melhores do Brasil. Este ano, 348 empresas se inscreveram e quase 117.800 empregados responderam à pesquisa. Passada essa etapa, dos jornalistas da revista visitam as companhias pré-classificadas, aquelas que atingiram uma nota mínima de corte.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

10-14/10/2014

Curtas

MMX suspende operação

A MMX Mineração e Metálicos informou ontem que sua controlada MMX Sudeste Mineração, unidade industrial produtora de minério de ferro localizada na região de Serra Azul, situada nas cidades de Igarapé, Brumadinho e São Joaquim de Bicas, em Minas Gerais, manterá as atividades operacionais suspensas temporariamente após o fim do período de férias coletivas que se encerrou na quinta-feira. O objetivo, segundo a empresa, é "otimizar recursos e adequar custos frente ao cenário de reposicionamento estratégico em que a companhia se encontra".

Fonte: Valor.com

11-14/10/2014

Primeira companhia chinesa de minério de ferro em nível de cem milhões toneladas é inaugurada

O Grupo de Indústria Mineira foi lançado neste sábado (11). O conglomerado foi criado pela segunda maior empresa siderúrgica estatal da China, a Corporação de Siderurgia de Anshan. Esta é a primeira companhia chinesa com capacidade superior a cem milhões de toneladas em exploração e transformação de minério de ferro.

O grupo é formado por diversas indústrias de mineração. Entre elas, a mineradora Anshan (da província de Liaoning), juntamente com a indústria mineira de Panzhihua (localizada na província Sichuan), além de outras empresas estrangeiras.

Atualmente, a reserva total provada de minério de ferro que o grupo possui ultrapassou 11 bilhões de toneladas, e o volume de reserva potencial dos recursos superou 30

bilhões de toneladas. A capacidade de exploração de minério de ferro do grupo alcança 400 milhões toneladas e a capacidade de transformação desse tipo de minério pode alcançar 120 milhões toneladas.

Tradução: Xie Haitian - Revisão: Juliana Bassetti

Fonte: CRI Online

12-14/10/2014

Guerra de preços de minério de ferro aprofunda crise em Serra Leoa devastada pelo ebola

Em Serra Leoa, um dos países mais pobres da África, as desventuras do ebola afetam tanto quem é vítima quanto quem não é.

Sulaiman Kamara, quem trabalhava puxando um carrinho de mão em Freetown antes do começo do surto em maio, ganhava 50.000 leones (US\$ 11) por dia, antes que uma economia murcha eliminasse seu emprego. O homem de 42 anos, pai de três crianças, agora vende cigarros e balas em ruas com lojas e restaurantes fechados, hotéis vazios e táxis parados. Alguns dias, ele tem sorte e ganha um quarto da renda que ganhava no passado.

As coisas estão prestes a piorar novamente. O minério de ferro, a maior fonte de lucros por exportações, está despencando fortemente, deixando as duas companhias mineradoras de Serra Leoa à beira do desmoronamento e pondo em risco 16 por cento do PIB em um país onde a produção por pessoa alcançou somente US\$ 809 no ano passado.

Utilizado na fabricação de aço, o minério de ferro caiu 39 por cento neste ano. As maiores empresas de mineração do mundo estão gastando bilhões de dólares para expandir poços gigantes na Austrália e no Brasil. Extraíndo minério menos rico em ferro e operando com restrições impostas para deter a propagação da doença, os produtores locais não podem concorrer.

“O impacto do ebola em termos de receita do minério de ferro é enorme”, disse Lansana Fofanah, economista sênior no Ministério das Finanças e Desenvolvimento Econômico de Serra Leoa. “O minério de ferro era responsável pelo crescimento de dois dígitos do país até o surto de ebola”.

O minério de ferro contribui mais com royalties de mineração do que qualquer outro mineral para a receita do governo, que se desmoronou desde o início do surto, e como o déficit orçamentário está piorando, o FMI concordou em intervir.

Duas empresas A African Minerals Ltd., com sede em Londres, é a maior contribuinte única para a economia de Serra Leoa. A companhia emprega 7.000 pessoas na mina de Tonkolili, cuja construção custou mais de US\$ 1,7 bilhão e começou a operar em 2011. Com a queda dos preços do minério, as ações da empresa declinaram 92 por cento neste ano. A companhia está tentando renegociar empréstimos e reduzir custos para continuar sendo lucrativa.

Na semana passada, a outra produtora no país, a London Mining Plc, cujas ações recuaram 96 por cento neste ano, disse que estas não tinham valor. A empresa está procurando um investidor que a resgate. A operação das ações foi suspensa em 10 de outubro depois que a companhia disse que os únicos investidores com quem continuava negociando eram aqueles que não procuravam manter a companhia operando.

O Goldman Sachs Group Inc. prognosticou que o excedente mundial da commodity se triplique no ano que vem. A produção está se expandindo e uma queda das propriedades e condições limitadas de crédito restringem a demanda na China, a maior consumidora do mundo.

Ebola

O ebola matou mais de 3.800 pessoas na África, a maioria na Guiné, em Serra Leoa e na Libéria. Os Centros Americanos para Controle e Prevenção de Doenças projetaram que o surto poderia chegar até 1,4 milhão de casos até janeiro se a intervenção não for aumentada.

As empresas mineradoras de Serra Leoa têm ajudado a combater o ebola testando funcionários, fornecendo equipamentos e conscientizando o público em áreas frequentemente remotas.

Contudo, para o vendedor ambulante Kamara, quem enviou seus dois filhos mais velhos para a casa dos avós, fora da capital infestada pela doença, há poucas perspectivas de ajuda.

“Eu rezo todos os dias a Deus para que Ele tenha misericórdia de nós e termine esta doença do ebola no meu país, ou iremos sofrer mais”, disse ele. “As coisas estão realmente difíceis para mim e ninguém se importa”.

Título em inglês: ‘In Ebola-Stricken Sierra Leone, Mining Price War Deepens Crisis’

Fonte: UOL Economia

13-14/10/2014

NOVA EDIÇÃO DO LIVRO MINERAIS E PEDRAS PRECIOSAS DO BRASIL

Minerais e Pedras Preciosas do Brasil, cuja primeira edição em 2010 se esgotou em poucos meses, é relançado com diversas atualizações, novas fotografias e o acréscimo de um índice remissivo, como parte das comemorações dos 45 anos da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais-CPRM.

O livro apresenta um vasto panorama histórico e iconográfico da produção nacional de minerais e pedras preciosas, com capítulos dedicados à arte lítica dos índios do Brasil, aos primórdios da mineralogia no País, registrados por viajantes, naturalistas e mineralogistas europeus, assim como aos gabinetes de curiosidades, museus mineralógicos, coleções privadas e coleções da Corte e da Família Imperial, com destaque para o Museu Nacional, o Museu de Ciências da Terra, o Museu de Ciência e

Técnica da Escola de Minas de Ouro Preto e o Museu de Geociências da Universidade de São Paulo. Ainda no aspecto histórico, a obra aborda a descrição de novos minerais no Brasil, e os ciclos do ouro e do diamante, com imagens de grande interesse, produzidas por diversos viajantes, até as espetaculares cenas vistas durante a febre do ouro em Serra Pelada, em décadas recentes, apresentando as maiores pepitas de ouro do mundo, pertencentes ao acervo do Museu de Valores do Banco Central do Brasil, em Brasília.

A obra retrata algumas das mais belas, notáveis e valiosas amostras brasileiras de esmeralda, água-marinha, heliodoro, morganita, turmalina, granada, topázio, euclásio, ametista e diamante, muitas vezes únicas no mundo, e que tornam o Brasil um dos maiores produtores mundiais de gemas.

Segundo Carlos Cornejo, um dos autores: “Este livro, como um cristal, formou-se aos poucos, incorporando, página a página, extraordinários tesouros minerais. Para dar origem a este museu de papel, percorremos minas e garimpos, visitamos museus e bibliotecas, e tivemos contato com colecionadores, mineralogistas e mineradores. O Brasil é um dos maiores produtores de minerais de importância econômica, pedras preciosas e espécimens mineralógicos de coleção do mundo, de onde a relevância de uma obra que descreva a surpreendente riqueza do reino mineral no País. Quisemos dar destaque à arte lítica e à utilização dos minerais pelos povos indígenas, à história das grandes descobertas de metais nobres e minerais-gema, e às excelentes amostras, por vezes únicas, existentes em museus e coleções particulares. Tudo ilustrado com aprimorada técnica fotográfica, justificando a edição de um livro que reúne imagens das maravilhas que já foram encontradas no subsolo brasileiro, reproduzindo fielmente sua cristalização, hábitos, cor e brilho, além de focar aspectos da sua extração, com abundante iconografia retratando a paisagem e o povo dos sertões do Brasil: os garimpos de ouro da Amazônia, as regiões diamantíferas e produtoras de pedras preciosas do Nordeste e do Sudeste, e as lavras de ágata e ametista dos planaltos gaúchos. A obra aborda aspectos ligados à produção de minerais e remonta aos tempos coloniais, seleciona relatos de viajantes e naturalistas, e reproduz gravuras realizadas por notáveis ilustradores, fazendo parte dessa documentação importantes imagens históricas. Ressalte-se que o livro trata dos minerais também como objetos de interesse cultural, inculcando no leitor a percepção das pedras preciosas e minerais como produtos estéticos naturais, a serem resguardados para que futuras gerações possam contemplar este insubstituível legado da Natureza.”

Andrea Bartorelli, o outro autor acrescenta: “Ao iniciar o projeto editorial deste livro, surpreendeu-nos o entusiasmado apoio dos amigos, colecionadores, estudiosos, técnicos, mineradores, garimpeiros, donos de lavras e museus, que incessantemente afluíram com amostras, fotografias, documentos, textos, sugestões e correções. Puseram à disposição suas coleções, acervos, vitrines e cofres, que puderam ser fotografados e documentados com toda a dedicação que demandavam. Suas contribuições foram tantas que o livro foi se avolumando de maneira inesperada. Os minerais são reproduzidos nas fotografias como foram encontrados na Natureza, não tendo sofrido qualquer processo

de facetamento ou polimento, à exceção das ágatas e de algumas pedras lapidadas. É abordado o histórico da mineração no Brasil e seus personagens, desde os ciclos do ouro, da esmeralda e do diamante, até as descobertas minerais modernas, como a do ferro da Serra dos Carajás. Entre os principais brasileiros dedicados à mineralogia brasileira destaca-se a figura de José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca da Independência, o maior mineralogista e colecionador do Brasil de sua época. Membros da Família Imperial também se dedicavam a coleções de minerais, como a Imperatriz Leopoldina, o Imperador Dom Pedro II e o príncipe Dom Pedro Augusto de Saxe-Coburgo-Gotha e Bragança. Esperamos com esta publicação ajudar a incentivar a admiração e a preservação de amostras das diversas espécies minerais, uma riqueza única e rara, comparável à das mais valiosas obras de arte.”

Fonte: Minérios & Minerales

14-14/10/2014

ITV ABRE INSCRIÇÕES PARA MESTRADO PROFISSIONAL

O Instituto Tecnológico Vale (ITV) abre inscrições para a terceira turma do curso de mestrado profissional. As inscrições vão até 14 de novembro e o processo seletivo, com as diversas fases, ocorrerá nos meses de outubro a dezembro. As aulas terão início em março de 2015. Serão ofertadas 20 vagas. As informações e inscrições completas sobre o mestrado estão no edital do curso, disponível no site www.vale.com/itv.

O curso "Uso Sustentável de Recursos Naturais em Regiões Tropicais" é reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Ministério da Educação (MEC) e será ministrado na sede do ITV, em Belém (PA). O curso tem duração de dois anos, sendo o primeiro ano para obtenção de créditos e conhecimentos e o segundo, para o desenvolvimento da dissertação.

O mestrado profissional do ITV é o primeiro do gênero a ser oferecido por um instituto vinculado a uma empresa do setor mineral e tem por objetivo formar profissionais aptos a enfrentar questões relacionadas ao aproveitamento sustentável de recursos naturais e atrair e desenvolver talentos com competências voltadas para a mineração.

As duas linhas de pesquisa do mestrado (Sustentabilidade dos Recursos Vegetais e Sustentabilidade na Mineração) são muito abrangentes e o curso aceita profissionais independentemente da formação universitária e que tenham interesse em meio ambiente e sustentabilidade de recursos naturais, como biólogos, geógrafos, geólogos, urbanistas, economistas, engenheiros, entre outros.

O pesquisador associado do ITV e coordenador do mestrado, Everaldo Barreiros, destaca a importância do curso. "Temos a preocupação de formar profissionais especializados, tanto nas necessidades da região onde estamos presentes quanto para o dia a dia da empresa". Ele também destaca a procura pela formação. "Vamos iniciar a

terceira turma do mestrado, prova de que existe uma demanda por esse tipo de formação".

O perfil interdisciplinar e multifacetado da formação permitirá aos mestrandos seguirem carreira acadêmica ou atuarem no mercado, colocando em prática os resultados de seus estudos e pesquisas.

Instituto Tecnológico Vale (ITV)

O ITV foi criado em 2009 para o desenvolvimento de tecnologias e inovações que possam contribuir para os atuais projetos da Vale e para desenvolver novas oportunidades de negócios para a empresa. É uma instituição de pesquisa e ensino que trabalha para criar possibilidades futuras, por meio da pesquisa científica e do desenvolvimento de tecnologias, em parceria com a comunidade científica mundial. Há duas unidades do ITV no Brasil: um em Ouro Preto (MG) e outro em Belém (PA). A unidade mineira é focada em mineração e a paraense, em desenvolvimento sustentável.

Fonte: Minérios & Minerales

15-15/10/2014

Desembolso será seletivo no curto e médio prazo

Por **Olivia Alonso e Ivo Ribeiro | De São Paulo**

Com seu plano de negócios focado na estabilização das operações e redução de custos, a Parapanema deixa para o médio prazo a realização de novos investimentos. Mas já selecionou três projetos "mais urgentes" para pôr em prática assim que conseguir melhoria nos resultados, dentro da estratégia do plano PMA-2018, diz Christopher Malik Akli, presidente da empresa.

Dois projetos já foram citados pela companhia nos últimos anos: uma unidade para recuperar metais preciosos, de alto valor, e a seleção de projetos de exploração mineral de cobre. O terceiro projeto, que será o primeiro da fila, é inédito e envolve aportes para melhorar o aproveitamento do concentrado de cobre. O objetivo é elevar a capacidade de tratamento da matéria-prima na metalurgia de Dias D'Ávila (BA), afirma Akli.

"As minas globais trabalham hoje com material mais complexo, com teores metálicos menores. Precisamos elevar nossa capacidade de tratar esses tipos de concentrados", afirma o executivo. A companhia compra 700 mil toneladas de concentrado de cobre ao ano, a maior parte do exterior. Apenas um quarto do seu suprimento de matéria-prima é proveniente sucata. Segundo o executivo, economicamente, não vale a pena elevar essa fatia.

O início desse projeto exige investimento em capital intelectual e tecnologia, para melhorar o aproveitamento do cobre que chega dos fornecedores. Em uma segunda fase,

serão necessárias obras para a construção de uma unidade de tratamento de metais pesados e outros subprodutos, como mercúrio e cloro, por exemplo.

O segundo projeto na fila da companhia terá por objetivo a recuperação de metais preciosos contidos no concentrado de cobre. A Paranapanema quer aproveitar a lama anódica - que contém ouro e prata - resultante do processo de produção dos catodos. "O Brasil é importador de prata. No futuro, poderemos produzir", diz. No ano passado, a empresa estimava investimento de cerca de R\$ 30 milhões para fazer o processamento desses metais.

A companhia escolheu como seu terceiro projeto prioritário a exploração mineral, para produzir concentrados de cobre. "Será um investimento seletivo em mineração. Alguns concentrados mais complexos poderíamos tratar em Dias D'Ávila", diz Akli. Somente depois de realizados esses projetos é que a Paranapanema vai olhar novamente para o aumento de capacidade de produção de catodos de cobre na unidade da Bahia, atualmente de 280 mil toneladas anuais.

16-15/10/2014

Produção de minério de ferro da Rio Tinto sobe 12% no 3º trimestre

SIDNEY - A produção de minério de ferro da Rio Tinto subiu 12% no terceiro trimestre em relação a um ano antes, para 76,8 milhões de toneladas métricas, impulsionada pela expansão de suas minas na Austrália, mesmo em meio ao cenário de forte queda nos preços da commodity. Na comparação com o segundo trimestre, o volume produzido entre julho e setembro foi 5% maior.

A companhia, segunda maior produtora mundial de minério de ferro depois da Vale, está de olho em ganhos de participação de mercado nos embarques do produto, alegando que o tamanho de suas operações australianas é suficiente para produzir com custos muito menores do que o dos concorrentes.

A mineradora vem defendendo sua decisão de aumentar a capacidade, numa estratégia que, segundo analistas, tem contribuído para a queda de 40% no preço da commodity, que representa a maior parte de seus resultados.

A Rio Tinto reiterou as expectativas de produção de 295 milhões de toneladas de minério de ferro no ano, incluindo a produção nas minas canadenses. Além disso, disse que pretende vender cerca de 5 milhões de toneladas extras que estão em estoque.

A oferta cresce de minas australianas, incluindo também aquelas operadas pelas concorrentes BHP Billiton e Fortescue Metals Group, inundaram o mercado neste ano, puxando os preços para os menores patamares desde 2009.

A Rio Tinto vem expandindo suas minas na região de Pilbara, apostando que a China continuará a demandar uma vasta quantidade de minério de ferro para abastecer a construção civil e a indústria siderúrgica e automobilística. O gigante asiático é responsável pela compra de três em cada cinco toneladas da commodity exportadas pelas mineradoras.

“Se nós não preencheremos esse espaço, alguém o fará”, disse o presidente da divisão de minério de ferro da companhia, Andrew Harding, na semana passada. “É a dura realidade de um mercado muito competitivo e globalizado”, acrescentou.

(Dow Jones Newswires)

17-15/10/2014

Curtas

Recuperação do minério

Com o avanço de 4% observado na cotação do minério de ferro, maior valorização desde março, o mercado passa a discutir se o "fundo do poço" foi atingido ou se essa recuperação tem vida curta. Dados melhores que o esperado de importação da commodity pela China impulsionaram os preços do insumo ontem, mas a demanda vai continuar sendo um elemento-chave de sustentação desses valores - bem como sinais da atividade econômica chinesa. O país é o maior comprador de minério do mundo. "Parece que finalmente se encontrou o piso para a cotação do minério de ferro", comentou Charlie Aitken, diretor da corretora Bell Potter Securities, da Austrália. Na opinião dele, os investidores começam a perceber que a oferta não mais "supera dramaticamente" a procura pela commodity. O minério de ferro fechou o dia de ontem cotado a US\$ 83,10.

18-15/10/2014

Paranapanema define plano de negócios para período 2015- 2018

Por **Olivia Alonso e Ivo Ribeiro | De São Paulo**

A Paranapanema desenhou para os próximos anos um novo plano de negócios, que vai apresentar e detalhar ao mercado no início de novembro. Esse plano contempla ganho de escala, com redução da ociosidade e estabilização das operações de sua metalurgia na Bahia, queda nos custos de transformação de cobre e ganhos de eficiência energética.

Essa é a essência do Projeto Paranapanema 2018, ou PMA-2018, que foi anunciado pela empresa na véspera da divulgação dos resultados do segundo trimestre e detalhado agora ao **Valor PRO**, serviço de informação em tempo real do **Valor**, pelo presidente a empresa, Christopher Malik Akli.

O objetivo da companhia com o plano é alavancar seus resultados, que desapontaram o mercado nos últimos trimestres, e conseguir um resultado operacional que traga retorno

sobre o capital investido pelos acionistas. No primeiro semestre, esse retorno, conhecido pela sigla "Roic", foi negativo.

Akli afirma que a redução da ociosidade ajudará a alavancar as margens operacionais, pois em torno de 80% do custo da companhia é fixo. Hoje, a margem Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) está na faixa de 5% na relação com a receita líquida.

Nos últimos meses, a companhia não tem atingido sua plena capacidade de produção. Após modernizações feitas nos últimos anos, tem possibilidade de fabricar 280 mil toneladas de catodos de cobre em Dias D'Ávila (BA). Neste ano, os volumes do segundo e do terceiro trimestres foram afetados pela troca de seu modelo de manutenção das linhas de produção, afirma Akli. Antes, os ajustes eram feitos a cada dois anos; agora a manutenção passa a ser contínua, com paradas semanais. "Tivemos alguma dificuldade para mudar de um modelo para outro", afirma o executivo.

Akli diz que a Paranapanema também tem capacidade ociosa nas linhas de trefilação e laminação. A partir dos catodos, a empresa transforma cerca de 70% do total em laminados e trefilados, de maior valor agregado, no mesmo site, na Bahia. Em Serra (ES), fabrica conexões e, na unidade de Santo André (SP), produz laminados e tubos de cobre.

No ano passado, a Paranapanema teve receita líquida de R\$ 5,5 bilhões, com geração de Ebitda de R\$ 332 milhões.

O foco da empresa, a partir de agora, será transformar os investimentos feitos nos últimos quatro anos em resultados que agradem os acionistas, diz Akli. "Nos últimos anos, foi feito um trabalho interessante para estabelecer o foco da companhia no negócio de cobre e aumentar os volumes. Agora, estamos trabalhando para trazer os retornos", afirma.

Nesse direcionamento, não estão previstos para os primeiros anos investimentos além daqueles limitados à depreciação de ativos, de cerca de R\$ 110 milhões ao ano. "Rapidamente teremos geração de caixa superior à depreciação", afirma Akli, que assumiu o comando da fabricante de cobre há um ano.

Akli afirma que a adoção do PMA 2018 está sendo acompanhada de reestruturações internas, com um ajuste no quadro de funcionários, e também da adoção de uma postura de maior transparência com investidores e analistas do mercado.

A Paranapanema, que no passado foi uma grande produtora de estanho, hoje tem 33% de seu capital nas mãos de pequenos investidores na bolsa de valores. Seus maiores acionistas são os fundos de pensão Previ e Petros, Caixa, e Bonsucex, holding do empresário Silvio Tini.

O primeiro passo para uma nova relação com os investidores, afirma Akli, será o início da divulgação, a partir de novembro, de cinco projeções que costumam ser acompanhadas nesse setor - Roic (medida de retorno do capital investido), disciplina de investimento nos negócios ("capex"), custo de transformação por tonelada de cobre processada, índice de utilização da fábrica (produção real sobre a capacidade) e despesas com vendas, administrativas e gerais por tonelada transformada.

Na teleconferência dos resultados referentes ao terceiro trimestre deste ano, marcada para 4 de novembro, a empresa vai apresentar os números previstos para cada um desses itens para 2015 a 2018. "Queremos permitir uma maior previsibilidade e voltar a ter uma comunicação mais estruturada com o mercado", afirma.

Já as reestruturações internas incluem redução do número de funcionários terceirizados, gerentes e diretores. "Estamos primarizando o quadro, principalmente em Dias D'Ávila com a redução do número de terceirizados e o aumento da quantidade de empregados diretos em menor proporção", disse Akli. Nos cargos de gerência, houve renovação de 40 pessoas: pouco mais de 20 trazidas do mercado e o restante promovidas na empresa.

Também foi reduzida estrutura na diretoria-executiva - de sete para cinco cargos: presidente, diretor financeiro, diretores de cobre primário e de transformados e de gestão corporativa. Deixam de existir um posto de diretor financeiro e a vice-presidência.

A empresa conta com o apoio de cerca de dez consultores da Galeazzi & Associados para colocar em prática todas as suas mudanças. O trabalho da consultoria vai durar um ano, contado a partir do início de agosto.

A companhia viu suas ações caírem fortemente na bolsa de valores neste ano e tenta retomar a confiança dos investidores com a entrega de resultados. "O momento é de consolidar resultados e dar confiabilidade às projeções. Vamos, depois, ser empurrados pelos acionistas a fazer os investimentos", afirma o executivo.

Nascido na França, Akli é engenheiro agrônomo, mestre em bioquímica, e veio ao Brasil pela primeira vez em 1986 e passou por trabalhos na Sudene (convênio com governo francês). Em 1993, se estabeleceu no país e desde então ocupou cargos na Vivendi e Doux Frangosul. De 2006 a 2013, trabalhou na empresa francesa Louis Dreyfus Commodities (LDC), em São Paulo. Antes de ir para a Paranapanema, era presidente da Biosev, que faz parte do grupo LDC.

19-15/10/2014

Guerra do minério de ferro: BHP e Rio Tinto estão criando um monopólio?

Na guerra pelo controle do comércio mundial do minério de ferro vale tudo. As duas gigantes da mineração a Rio Tinto e a BHP Billiton podem, inclusive, estar quebrando

as regras internacionais de comércio ao deliberadamente reduzir seus preços e inundar o mercado para acabar com a concorrência.

Hoje um político australiano, Colin Barnett disse claramente que os diretores destas empresas devem começar a se preocupar com a Organização do Comércio Mundial a WTO que pode interpretar a estratégia destas empresas como uma tentativa de criar um monopólio ou oligopólio.

Em 2009 estas empresas já foram penalizadas por comportamento monopolístico. Caso a tese progrida ela pode se espalhar até o Brasil onde a Vale pratica uma estratégia semelhante podendo, também, ser penalizada caso as australianas o sejam.

Fonte: www.geologo.com.br

20-15/10/2014

SERRA DO GANDARELA É TRANSFORMADA EM PARQUE NACIONAL

Área situada no território de oito municípios das regiões metropolitana e Central de Minas Gerais será administrada pelo instituto Chico Mendes

Foi publicado nesta terça-feira, no Diário Oficial da União (DOU), o decreto que cria o Parque Nacional da Serra do Gandarela. A área compreende os municípios de Nova Lima, Raposos, Caeté, Santa Bárbara, Mariana, Ouro Preto, Itabirito e Rio Acima, e é considerada a última cadeia de montanhas intocada pela mineração no quadrilátero ferrífero, integrando o conjunto da Reserva da Biosfera do Espinhaço.

A criação do parque era reivindicada por moradores dos municípios e diversas entidades em prol do meio ambiente há pelo menos cinco anos. A área também abriga vestígios de animais pré-históricos.

A criação do parque visa garantir a preservação das amostras de patrimônio biológico, geológico, cavernas e cursos d'água no local. O parque também abriga campos rupestres. O decreto, assinado pelo governo federal, define a área de proteção e estabelece que ficam excluídas da área do parque os trechos necessários a operação e manutenção das linhas de distribuição de energia elétrica existentes (Taquaril - Mariana 1, Subestação Santa Bárbara 1, Santa Bárbara 1 - Mineração Serra Geral, Ouro Preto 2 - Mariana 1 seus acessos).

O Parque Nacional da Serra do Gandarela será administrado pelo Instituto Chico Mendes, que será responsável por adotar as medidas de controle, proteção e implementação da reserva.

Fonte: Estado de Minas

21-15/10/2014

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE TRATAMENTO DE MINÉRIOS E METALURGIA EXTRATIVA

XXVI ENTMME
Encontro Nacional de Tratamento de Minérios & Metalurgia Extrativa

18 a 22 de outubro de 2014
No Palácio Casimiro
Praça de Calças - MG

www.entmme.org

Os artigos publicados no ENTMME poderão ser submetidos às revistas Journal of Materials Research and Technology e Tecnologia em Metalurgia, Materiais e Mineração, da ABM.

Os resumos devem ser enviados entre
01/09/2014 a 15/12/2014

Patrocínio Diamante
VALE

Patrocínio Prata
metso CLARIANT
ALCOA

Apoio
NIBELSA
PROFESSORES CONVENTION & SYMPOSIUMS

Mídia
MEI
mineral imine

Realização
Unifal

Fonte: Assessoria

22-15/10/2014

MINERAÇÃO VAI GERAR 99 MIL VAGAS NO PARÁ 15/10/2014

Mineração vai gerar 99 mil vagas no Pará

PREVISÃO

Expansão de projetos no Estado facilita a criação de novos postos

Segundo previsão do Plano Nacional de Mineração, desenvolvido pelo Ministério de Minas e Energia (MME), em 2015, a mineração vai oferecer 297.043 empregos. A maior parte da mão de obra será de operários, responsáveis pelo preenchimento de mais de 200 mil vagas; seguidos por técnicos de nível médio, cuja oferta será de 15.354 postos de trabalho. Os profissionais de nível superior mais demandados continuam sendo engenheiros de minas e geólogos, com oferta estimada de 9.781 e 4.562 vagas, respectivamente.

A qualificação é fator determinante para aproveitar as oportunidades do mercado mineral. No Pará, por conta da instalação e expansão de projetos minerais, a previsão é que exista uma demanda de 99 mil postos de trabalho nos próximos anos. A qualificação da mão de obra e as oportunidades geradas pela cadeia produtiva da mineração serão debatidas durante a Exposibram Amazônia 2014, promovida pelo Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram) e que será realizada no Hangar Centro de Convenções & Feiras da Amazônia, em Belém, entre os dias 17 e 20 de novembro.

Dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI) apontam que a falta de mão de obra especializada é um dos principais problemas da indústria extrativa. A escas-

sez de profissionais qualificados nos municípios mineiros faz com que as próprias empresas invistam na qualificação da população local. "O que se percebe é uma estratégia, por parte das empresas, de capacitar os profissionais por meio de parcerias com o Sistema S, sobretudo o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai). A ação é favorecida pela ótima capilaridade do Sesi, que permite o acesso às regiões mais remotas", destaca Rinaldo Mancin, diretor de Assuntos Ambientais do Ibram.

PARCERIAS

No Pará, Mancin frisa as parcerias público-privadas no fomento à educação. "Há ações interessantes, como o campus da Universidade Federal do Pará criado em Marabá, que oferta cursos de Engenharia de Minas e Geologia, por considerar a mineração um vetor de desenvolvimento para o sudeste do Estado, uma adaptação à realidade mineral", afirma. "O ensino superior está acompanhando o ensino técnico", analisa, ao lembrar a implantação da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), sediada em Santarém. Há possibilidade, ainda, de um campus da universidade em Juruti.

"A qualificação está ocorrendo na ponta, beneficiando a população local, que percebeu que pode aproveitar as oportunidades de emprego nas grandes empresas. Isso contribui ainda para a melhor aceitação do projeto no município, pois as pessoas passam a ver de perto as oportunidades geradas pela mineração", analisa.

A mineração é um setor da economia que movimenta a geração de emprego e renda em todo o País, desde a extração mineral, passando pela transformação até aos fornecedores. A projeção de mão de obra para mineração aponta demanda de 590 mil postos de trabalho em 2030.

NOVO MARCO

Há pouco mais de um ano, a presidente Dilma Rousseff enviou ao Congresso Nacional um projeto para o novo Marco Regulatório da Mineração. Trata-se do Projeto de Lei nº 5.807, que, se aprovado, substituirá o atual Código de Mineração, o Decreto-Lei nº 227, de 28 de fevereiro de 1967. O projeto de lei segue em tramitação no Congresso Nacional.

No Pará, o setor de mineração foi responsável pela geração de 271 mil empregos diretos e indiretos em 2013. Segundo o Sindicato das Indústrias Minerárias do Pará (Simineral), há uma demanda de 99 mil novos postos de trabalho devido à expansão e a instalação de novos projetos de mineração no estado. Os dados mostram que, a mineração deve ser vista com atenção na nossa região.

Para o advogado Daniel Athias, de um lado há aqueles que defendem que o modelo em vigor funciona bem, no que tange os direitos minerários, e outros que advogam uma mudança necessária em todo o sistema para atualizá-lo.

Mineração foi responsável pela geração de 271 mil empregos em 2013

23-15/10/2014

Mineração: Rio Tinto vai relançar a série de TV Death Valley Days

Em 1952 a Rio Tinto patrocinou uma das séries mais longas da TV americana: Death Valley Days. Ela foi ao ar em 451 capítulos entre 1930 a 1945. A série popularizou o ator Ronald Reagan que, mais tarde, foi eleito presidente dos Estados Unidos.

O interessante é que toda a série era voltada para vender o sabão detergente para as mãos Boraxo para a população americana. O sucesso da série alavancou uma das grandes empresas dos Estados Unidos, propriedade da Rio Tinto, a US Borax, que até hoje controla os direitos da série.

Agora, 69 anos depois a Rio Tinto vai relançar a série. Cada episódio será baseado na vida real de um personagem importante da história da Califórnia desmistificando a ideia de que os prospectores e mineradores são vilões e destruidores do meio ambiente e sim empreendedores que mudaram a história dos Estados Unidos.

Fonte: www.geologo.com.br

24-15/10/2014

Cientistas descobrem evidências de como se formaram as primeiras galáxias



Londres, 15 out (EFE).- Um grupo de cientistas chineses e americanos publicou nesta quarta-feira na revista "Nature" um estudo que lança uma luz sobre como se formaram as primeiras galáxias do Universo, um dos mistérios que ainda não foi desvendado pela astrofísica moderna.

O grupo liderado por Yong Shi, da Universidade de Nanquim, na China, se valeu de observações de galáxias próximas pobres em elementos metálicos para inferir os mecanismos que originaram as estruturas estelares primitivas.

Os metais - elementos mais pesados que o hélio - facilitam o esfriamento do gás interestelar, o que permite que aconteçam as condições apropriadas para a formação de estrelas.

Esses elementos pesados, no entanto, estão precisamente no interior das estrelas, por isso um dos maiores desafios da astrofísica é explicar como surgiram as primeiras galáxias em um ambiente extremamente pobre em metais.

Para compreender esses processos, Shi e seus colegas observaram através do telescópio espacial Herschel duas galáxias cujo gás interestelar praticamente não contém metais.

Trata-se da Sextans A, uma galáxia anã irregular localizada a 4,5 milhões de anos luz da Terra, e a mais distante ESO 146-G14, uma formação elíptica a 73,3 milhões de anos luz.

A partir do estudo de sete aglomerados estelares nessas galáxias, os cientistas determinaram que a formação de estrelas é pouco eficiente nessas condições.

Além disso, o grupo de Shi detectou uma maior quantidade de luz infravermelha do que era previsto pela teoria para esse tipo de galáxias, o que poderia indicar a presença de mais pó e gás interestelar do que se esperava.

"Compreender a formação estelar em pequenas galáxias de nosso entorno nos permite aprofundar no estudo da formação estelar do Universo originário", ressaltou na revista "Nature" o americano Bruce Elmegreen, coautor da pesquisa.

A Sextans A e a ESO 146-G14 "são exemplos de como deveriam ser as galáxias durante os primeiros bilhões de anos depois do Big Bang", destacou o investigador do Watson Research Center.

O cientista americano explicou que, enquanto a formação de galáxias como a Via Láctea foi amplamente estudada, a compreensão sobre a formação de estruturas menores e mais distantes ainda esconde segredos para os cientistas. EFE

25-15/10/2014

ALUMÍNIO

Albras foca vendas no Brasil

A Albras, empresa controlada pela norueguesa Norsk Hydro (51%) e Nippon Amazon Aluminium Company - NAAC (49%), ampliou em 64% suas vendas de alumínio primário para o mercado interno até setembro. Considerando o período de 12 meses, a Albras espera vender 140 mil t a clientes brasileiros, 61% a mais que as 87 mil t do ano passado. Com o aumento do volume ao mercado doméstico, a Hydro aproveita o espaço deixado por concorrentes (Alcoa, Votorantim Metais e BHP Billiton), que estão cortando linhas de produção desde 2013. A Hydro comenta que pode reduzir o volume este ano, mas não pretende desativar nenhuma linha de produção. As três concorrentes fecharam fornos para comercializar energia própria. A Albras consome 800 MW e tem contrato com a Eletronorte até 2024. Com esta redução da produção total de alumínio no Brasil, a Albras projeta crescimento de 50% do total. Em 2013, a empresa produziu 35% do volume brasileiro, 452 mil t, de 1,3 milhão t, segundo dados da Associação Brasileira de Alumínio (Abal). De acordo com a entidade, a produção brasileira de alumínio primário será de 952 mil t este ano, 27% a menos que em 2013. Do total de

alumínio da Albras, a NAAC tem cerca de 220 mil t, que são exportadas ao Japão. A Albras também tem suprimento de 27,9 milhões t de bauxita.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 674 -

26-15/10/2014

USIMINAS

Ternium e Nippon Steel não se entendem

Em tentativa de entendimento em Moscou, Rússia, Paolo Rocca, dono do Grupo Techint e Presidente do Conselho da Ternium, e o Chairman da Nippon Steel & Sumitomo, Shoji Muneoka, além de outros executivos de ambas as companhias não chegaram a um acordo. Rocca quer o retorno imediato dos três executivos argentinos demitidos por eleição dos conselheiros da Usiminas em 25 de setembro – O Presidente Julián Eguren e os Vice-Presidentes , Paolo Bassetti e Marcelo Chara. O executivo japonês rechaçou a proposta. A Ternium acirrou a disputa ao adquirir recentemente 10,2% que a Previ tinha na Usiminas, inclusive a Previ, sem nenhum comunicado. A Justiça de Minas Gerais não deferiu pedido de retorno dos executivos da Ternium. Apesar da disputa, a Nippon propõe reconduzir os executivos à Companhia e discutir uma alternância de poder em abril de 2016, quando indicaria seus homens de confiança.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 674 –

27-16/10/2014

NEGÓCIOS

Fusões e aquisições caem 69% até junho

Segundo levantamento da EY, o valor movimentado entre fusões e aquisições entre mineradoras atingiu US\$ 17 bilhões no primeiro semestre, 69% na comparação com o mesmo período de 2013. Ao todo, foram 254 operações contra 386 negócios do primeiro semestre de 2013, que renderam US\$ 53,8 bilhões. Vicktor Andrade, analista de Fusões & Aquisições da EY, espera queda de 25% a 35% no acumulado do ano, com melhora no segundo semestre. “De 2010 a 2013, as fusões e aquisições no setor sempre superaram os US\$ 120 bilhões. Não esperamos uma queda maior, mas o ano será ruim”. Os negócios que superaram US\$ 1 bilhão foram apenas quatro no semestre, contra 11 do mesmo período de 2013. Até o momento, o maior negócio envolveu a fusão da Yamana Gold e a Agnico-Eagle para a compra da Osisko Mining. A operação complementou as operações das duas companhias na América do Norte. Cerca de 87% do total das operações ficou abaixo dos US\$ 50 bilhões e correspondeu a 9% do total, em valor. Até junho, os negócios estiveram ligados a redução de custos variáveis ou venda de ativos que não tiveram desempenhos razoáveis nos últimos períodos. Segundo Andrade, a partir de agora, o setor mineral terá capital disponível novamente, principalmente de fundos de private equity. Nas contas da EY, estes fundos têm entre US\$ 8 bilhões e US\$ 10 bilhões para mineração. A previsão da EY é que aconteçam novos negócios, em especial, com níquel e cobre ainda em 2014. Já as operações com

carvão e minério devem acontecer de acordo com o que mineradoras colocarem à venda.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 674 –

28-16/10/2014

FERROLIGAS

Receita da Ferbasa atinge R\$ 69,8 milhões

A Ferbasa registrou receita líquida de vendas de R\$ 69,8 milhões e um volume de 19,382 milhões t em setembro de 2014. A Companhia destaca o crescimento de 56,2% na receita de FeSi75 e as exportações de minério de cromo. O volume de vendas atingiu 11.448 t de Ferrocromo Alto Carbono (FeCrAC); 888 t de Ferrocromo Baixo Carbono (FeCrBC) e 7.046 t de Ferro Silício 75 (FeSi75). Apesar do aumento das vendas de FeSi75, a Ferbasa informou que segue a estratégia de reduzir as exportações com menores margens, e priorizará o mercado interno e a estocagem para atender os clientes estratégicos, com o objetivo de atendê-los no segundo semestre de 2015.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 674 -

29-16/10/2014

EMPRESAS

Anglo estuda venda de ativos na América do Sul

A Anglo American estuda a venda de jazimentos de cobre no Chile como Mantos Blancos, Mantoverde e El Soldado. A mineradora pretende manter e ampliar a sua presença através dos seus depósitos Los Bronces e Collahuasi. A ideia é se concentrar em ativos mais relevantes. No Brasil, a Anglo avalia a venda de ativos minerais em Barro Alto.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 674 –

30-16/10/2014

ALUMÍNIO I

Alcoa vende 100% na AWAC para a Noble Group

A Alcoa e a Noble Group assinaram acordo definitivo, em que a Companhia produtora de alumínio passa 100% de sua participação na Alcoa World Alumina and Chemicals (AWAC) para a sócia na joint venture. O valor da operação foi de US\$ 140 milhões e inclui uma refinaria de alumina e uma mina de bauxita na Jamalco. A AWAC

continuará como operadora por três anos até que haja um acordo para os funcionários da Jamalco não serem dispensados.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 674

31-16/10/2014

MMX Sudeste pede hoje recuperação judicial em MG

Por **Rafael Rosas e Francisco Góes | Do Rio**

A MMX Sudeste S.A., subsidiária da MMX Mineração e Metálicos, vai entrar hoje com pedido de recuperação judicial na Justiça de Minas Gerais. O advogado Sérgio Bermudes, que representa a mineradora de Eike Batista, justificou o pedido: "Foi uma decisão tomada para a preservação da empresa", disse Bermudes. No mercado, já se esperava que a MMX trilhasse esse caminho.

A MMX enfrenta uma série de dificuldades. Tem problemas de caixa, dívidas e restrições ambientais para executar seus projetos. Tudo isso em um ambiente hostil para o mercado de minério de ferro, segmento no qual a empresa atua, com queda nos preços da commodity. "A MMX chegou a esse estado em decorrência da conjuntura nacional e internacional", disse Bermudes. Em fevereiro, a MMX vendeu seu ativo mais valioso, o Porto Sudeste, para consórcio formado por Trafigura e Mubadala, de Abu Dhabi. A MMX manteve participação de 35% no porto, que ainda não entrou em operação.

A MMX Sudeste é uma subsidiária operacional, com minas na Serra Azul de Minas Gerais, controlada pela MMX Mineração e Metálicos, empresa listada na bolsa de valores. Bermudes cuidará da recuperação da MMX ao lado do Mattos Filho Advogados. Uma vez entregue o pedido, caberá ao juiz que for designado para o processo, aceitá-lo ou não. A partir do deferimento, a empresa terá 60 dias para apresentar um plano de recuperação judicial a ser aprovado pelos credores da companhia.

O pedido de recuperação judicial da MMX era aguardado desde agosto, quando tornou-se público que a empresa de Eike analisava seguir esse caminho. O pedido de proteção judicial tornou-se uma questão de tempo. "Era a melhor opção neste momento", disse uma pessoa próxima da empresa. Assim, a MMX segue os passos de outras empresas do grupo EBX, de Eike, caso da ex- OGX (atual OGPar) e da OSX. As duas empresas pediram recuperação judicial na Justiça do Rio de Janeiro. No caso da MMX, o pedido de recuperação judicial será feito em Belo Horizonte, onde está a sede da companhia.

Na avaliação de pessoas próximas da MMX, a recuperação judicial será o ambiente mais apropriado para a companhia renegociar com credores e com parceiros estratégicos. A MMX vinha tentando achar compradores para seus ativos minerais na Serra Azul, na grande Belo Horizonte, mas o processo não foi adiante. A MMX Sudeste

enfrentou problemas ambientais para fazer expansões de suas minas. Em fevereiro, a Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Minas Gerais (Semad) embargou a lavra na área da mina "Tico-tico", da MMX, em Serra Azul, por estar localizada em área próxima a cavidades de relevância ambiental.

Além do pedido de recuperação judicial, a MMX vem conduzindo um processo de enxugamento de pessoal. Até ontem, segundo informações do Sindicato Metabase de Brumadinho (MG), onde ficam parte das operações da companhia, cerca de 200 empregados da MMX já haviam sido demitidos. Esta semana a empresa confirmou que iria manter suspensas as atividades operacionais após o término do período de férias coletivas, que se encerrou em 9 de outubro. No fim de agosto, Carlos Gonzalez, executivo que presidiu a companhia no seu período mais difícil, renunciou ao cargo, sendo substituído por Ricardo Guimarães.

32-16/10/2014

Maior desafio de Aécio é compor a área social

Por **Raymundo Costa e Marcos de Moura e Souza | De Brasília e Belo Horizonte**

Escolhido o economista Armínio Fraga para o Ministério da Fazenda, o desafio de Aécio Neves, caso vença no segundo turno, será encontrar um nome que também seja uma âncora de credibilidade para a área social de seu governo. Desde que perdeu a eleição e foi despejado do Palácio do Planalto, a maior dificuldade do PSDB tem sido a de convencer o eleitorado que, se voltar ao governo, manterá a rede de proteção social criada pelo PT. Se tem um nome no bolso do colete, Aécio prefere não dizer.

O candidato do PSDB antecipou Armínio Fraga para a Fazenda e abriu a guarda para os ataques de Dilma, mas na avaliação da campanha ganhou pontos ao dar sinal do nível de sua equipe, um dos problemas de sua adversária.

No comitê de Aécio evita-se falar em lista completa para a equipe de governo por três motivos: para não parecer arrogância, perder o apoio de eventuais candidatos a ministro, e superstição. Aécio acha que nomear antes da hora leva má sorte à campanha. Mas a exemplo do que ocorre no comitê petista, nos bastidores já são armados cenários sobre a o primeiro escalão de um eventual governo do PSDB.

É certo que o senador eleito, Antonio Anastasia, estará no centro do governo. Pode ser no Planejamento ou na Casa Civil, caso esta venha a coordenar os ministérios. Anastasia foi secretário de Estado e depois vice de Aécio nos seus dois mandatos como governador (2003 a 2010). Foi eleito para sucedê-lo em 2010 e agora, para o Senado.

O PSDB de São Paulo terá papel importante em eventual governo Aécio, depois de lhe assegurar cerca de quatro milhões de votos de vantagem, no primeiro turno, no maior colégio eleitoral do país. Este número pode ser ainda maior no segundo turno, o que

daria à seção paulista uma forte representação no governo federal. Um nome considerado certo é o do senador eleito José Serra, que em eleições passadas rivalizou com Aécio a indicação do candidato do PSDB.

Depois de anos de disputas por espaços no PSDB, os dois têm uma relação mais próxima nesta campanha. E a votação expressiva que Serra teve em São Paulo deve cacifá-lo ainda mais ao primeiro escalão. "É um quadro importantíssimo, caberia num ministério estrelado", disse o deputado Marcos Pestana (PSDB-MG). Outros dois interlocutores frequentes de Aécio em Minas citaram Serra.

Serra iria para o Ministério do Desenvolvimento ou para as Relações Exteriores. Num caso ou no outro, para tratar de comércio exterior. A designação de Serra permitiria que o deputado José Aníbal, seu suplente, assumisse a vaga. Outro nome de peso citado é o do embaixador Rubens Barbosa, que ocuparia os mesmos ministérios para os quais Serra é mencionado - no Desenvolvimento diminuiria a possibilidade de atritos com a equipe econômica de Armínio.

Tasso Jereissatti, eleito senador pelo Ceará, é cotado para o governo, mas pode vir a desempenhar papel importante no Senado.

Na equipe de Aécio haverá vaga também para Marina Silva, ela própria ou alguém que indicar. Marina, que declarou apoio a Aécio apesar de resistências do Rede, terá influência na área do meio ambiente. O PSB, que também resistiu ao assédio do PT e ficou com o PSDB no segundo turno, terá uma pasta, provavelmente Beto Albuquerque (RS), candidato a vice na chapa de Marina. Sua área seria o agronegócio. Mas há outras possibilidades no partido.

"Acho que o Carlos Siqueira é um nome tão natural para um ministério quanto é o Anastasia", diz o deputado federal Júlio Delgado, presidente do PSB de Minas Gerais - e próximo a Aécio.

Delgado lembra que Siqueira, eleito presidente do PSB, tem boas relações com o tucano e representaria também uma mudança geracional no poder. Delgado acredita que Aécio "reconhece a relevância" de pela primeira vez, desde 1994, o PSB apoiar um candidato a presidente que não é do PT.

Uma coisa é certa: Aécio deve contemplar o grupo de Eduardo Campos em Pernambuco, seja com uma indicação própria ou por meio do PSB.

No grupo de Minas, pode compor o governo a secretária de Planejamento Renata Vilhena. Ela foi uma das pessoas que participaram das medidas de ajuste que Aécio apelidou de choque de gestão. Está no governo desde 2003 e seria uma opção técnica para o ministério, embora, na avaliação de um tucano, talvez se encaixasse mais num cargo de destaque de segundo escalão. Outro mineiro visto como ministeriável é Wilson Brumer. Ex-presidente da Usiminas, Brumer colabora com a campanha tucana apresentando diagnósticos e propostas em reuniões em entidades empresariais pelo país

- muitas delas em São Paulo. Ele foi um dos coordenadores do programa eleitoral de Aécio e é outro que integrou a equipe do tucano, quando este foi governador, como secretário de Desenvolvimento Econômico. Brumer tem longa trajetória em companhias de mineração - o que seria uma credencial para a pasta das Minas e Energia.

O deputado Marcus Pestana também está entre os nomes de Minas que podem compor a equipe de Aécio. Pestana trabalhou com Serra quando este foi ministro da Saúde no governo Fernando Henrique Cardoso. Depois, foi secretário da Saúde no governo Aécio em Minas. É jornalista e está neste segundo turno em São Paulo ajudando a equipe de comunicação pilotada pelo marqueteiro Paulo Vasconcelos.

Na bolsa de apostas dos tucanos em Minas há também espaços para nomes que não são de políticos profissionais: um é o do pesquisador da área de segurança pública Cláudio Beato, que coordenou o capítulo de segurança do programa de governo de Aécio nesta campanha; outro é de José Júnior, do Afroreggae, do Rio.

33-16/10/2014

CONGRESSO DEBATE ÁGUAS SUBTERRÂNEAS BRASILEIRAS

Com a participação de profissionais de todo o país entre pesquisadores, representantes de órgãos governamentais, de empresas e seis palestrantes estrangeiros, teve início nesta terça-feira, (14/10), no Minascentro, em Belo Horizonte, o XVIII Congresso Brasileiro de Águas Subterrâneas, em conjunto com o XIX Encontro Nacional de Perfuradores de Poços e a VIII Feira Nacional da Água (Fenagua).

O evento reúne profissionais que irão debater, até a próxima sexta-feira (17/10) questões importantes sobre pesquisas, utilização, extração e uso da água no país. O tema central do congresso é “Água nas Minas e nas Gerais: Uma Riqueza Nacional”, e o evento está dividido em conferências, mesas-redondas, sessões técnicas orais e sessões painéis, abordando os mais diferentes assuntos que envolvem o conhecimento sobre as águas subterrâneas.

A abertura contou com a presença diretor-presidente do Serviço Geológico do Brasil (CPRM), Manoel Barretto, e do diretor de Hidrologia e Gestão Territorial da CPRM, Thales Sampaio. Falando durante a abertura, Barretto elogiou a organização do evento. “Sem dúvida esse é o mais expressivo evento de águas subterrâneas no país”, disse, ressaltando que a CPRM comparece ao congresso com 44 pesquisadores e 17 trabalhos envolvendo os mais diferentes temas da hidrologia, que contribuem para o desenvolvimento social e sustentável do Brasil.

O diretor-presidente da CPRM aproveitou para convidar a todos os congressistas e participantes em geral para visitarem o estande montado pela instituição na Fenágua - evento que ocorre paralelamente ao congresso e conhecer os produtos que estão

expostos, contemplando uma visão integral dos trabalhos executados pela CPRM no quesito águas subterrâneas.

“Entre os produtos temos o Mapa Hidrológico do Brasil ao Milionésimo, cuja concepção abarcou as mais recentes tendências com o objetivo de melhor caracterizar as nossas águas”, destacou. Segundo ele, o mapa servirá como plataforma consistente para ser usada por pesquisadores, gestores, profissionais e todos aqueles que trabalham ou estudam as águas. Finalizando, Barretto desejou sucesso ao evento. “Que esse congresso possa contribuir para o avanço do conhecimento desse importante recurso para o país”, finalizou.

Também falou na abertura o presidente da Associação Brasileira de Águas Subterrâneas (Abas) e pesquisador em Geociências da CPRM, Waldir Duarte Costa Filho, que discorreu sobre o momento crítico das águas no Brasil, com a seca impondo escassez em várias regiões, principalmente no Sudeste do país. Waldir Duarte disse ainda sobre o temário do congresso que abrange as mais diversas áreas do conhecimento sobre águas subterrâneas, e também sobre a inclusão de temas como Mineração e Gás cujas atividades suscitam questões de interrelação das águas subterrâneas com a mineração e exploração do gás de xisto.

Fonte: CPRM

34-16/10/2014

MMX Sudeste Mineração pede recuperação judicial em caráter de urgência

Reuters

SÃO PAULO (Reuters) - A MMX Sudeste Mineração SA, controlada da MMX Mineração e Metálicos, ajuizou nesta quarta-feira pedido de recuperação judicial em caráter de urgência, seguindo o mesmo caminho de outras empresas do grupo EBX de Eike Batista que também pediram recuperação judicial em meio a dificuldades financeiras.

O pedido de recuperação foi feito na Comarca de Belo Horizonte, em Minas Gerais.

"Não obstante os esforços da administração na negociação com credores e na busca por potenciais investidores, o pedido de recuperação judicial configurou-se como a alternativa mais adequada diante da situação econômico-financeira da Companhia", disse a controladora MMX em fato relevante.

As atividades operacionais da MMX Sudeste, na região da Serra Azul, em Minas Gerais, estão suspensas desde a primeira semana de setembro. A queda nos preços do minério de ferro agravaram a situação financeira da empresa.

Na segunda-feira, a MMX informou que manteria suspensas temporariamente as atividades da controlada MMX Sudeste Mineração, após o fim das férias coletivas em 9 de outubro, para "otimizar recursos e adequar custos frente ao cenário de reposicionamento estratégico da companhia".

A MMX vem enfrentando dificuldades financeiras similares às de outras companhias do grupo EBX. A Óleo e Gás (ex-OGX) pediu no ano passado recuperação judicial, assim como a sua empresa irmã, a OSX, numa derrocada que se acelerou após a petroleira reconhecer não ter encontrado tanto petróleo como havia informado ao mercado.

"(O pedido de recuperação judicial) visa preservar o valor da Companhia... atendendo de forma organizada aos interesses de seus credores e acionistas e contingenciando de maneira responsável os recursos existentes em caixa", disse a controladora em fato relevante.

(Por Raquel Stenzel)

35-16/10/2014

MINÉRIO DE FERRO CEARENSE ABRE PORTAS NA EUROPA

Nova porta, ou melhor, novo porto se abre para as exportações cearenses para o continente europeu, notadamente para minérios de ferro e aço, gorduras e óleos animais e vegetais, peixes, crustáceos e frutas, através do terminal marítimo de Antuérpia, na Bélgica. De olho nos mercados da Alemanha, França e da própria Bélgica, além da China, a empresa de mineração Globest Participações Ltda mantém estocado em área próxima ao Porto do Pecém, em São Gonçalo do Amarante, um carregamento de cerca de 90 mil toneladas de ferro, extraídas das jazidas de Quiterianópolis, no interior do Estado, pela mineradora.

Consolidado os negócios com a China, para onde já exportou cerca de um milhão de toneladas de ferro, distribuídos em 11 carregamentos, nos últimos cinco anos, a Globest busca agora diversificar a clientela e aproveita a retomada dos preços do ferro e do aço no mercado internacional, para abrir novas frentes.

"Com a normalização dos estoques de ferro e aço na China - maior consumidor mundial -, o preço do minério voltou a subir, está mais atraente, e nossa expectativa agora, é vendermos mais para a China, onde a construção civil continua muito forte, mas

também para a Europa", revela o novo diretor vice-presidente da Globest, José Freire de Sena.

Fracionamento

E a rota, o caminho mais perto, aponta Sena, é via porto da Antuérpia, terminal fluvial localizado no interior da Bélgica e que tem como característica e especialidade, o fracionamento de cargas, principalmente de aço e materiais não ferrosos, de frutas e demais produtos perecíveis, de café, produtos florestais, cargas volumosas e pesadas e material circulante.

Por conta dessa característica, explica o diretor jurídico da Câmara de Comércio e Indústria Belgo-Luxemburguesa-Brasileira (Bergalux), no Brasil, Henrique Machado Rabelo, é que é reconhecido como o "porto de carga fracionada da Europa". "E isso é um diferencial importante em relação aos portos de Rotterdam, na Holanda, e Hamburgo, na Alemanha", acrescenta.

Segundo Sena, a moderna tecnologia adotada no fracionamento rápido de cargas, além da distância e do tempo de transporte em relação a China, reduz os custos com frete e torna o minério do Ceará mais competitivo na Europa.

Conforme disse, a Globest paga US\$ 30 de frete, por tonelada de minério de ferro transportada do Pecém para o Sul da China, enquanto que para o porto de Antuérpia, sai por US\$ 9, a tonelada, além da diferença de tempo, de 30 para dez dias, respectivamente. "Para exportar para médias siderúrgicas na Europa, o Porto de Antuérpia é mais vantajoso", declara Sena. Segundo ele, a Globest já está em negociações com o terminal belga para viabilizar o carregamento do minério acostado no Pecém.

Seminário

Nesta manhã, as características, especificidades e vantagens do porto da Antuérpia para o Ceará serão apresentadas na Fiec, por Henrique Rabelo e à tarde, diplomatas belgas se reúnem com empresários cearenses. O objetivo é fomentar as oportunidades de negócios e incrementar o comércio entre os dois países.

De 2011 a 2013, o Ceará exportou para a Bélgica o equivalente a apenas US\$ 2,59 milhões e importou US\$ 45,86 milhões, entre combustíveis e óleos minerais, máquinas mecânicas, vidro e suas obras, produtos químicos orgânicos, fertilizantes e produtos da indústria de moagem.

Fonte: Diário do Nordeste

36-17/10/2014

Minério de ferro: americanos lavram taconitos de baixo teor apesar dos baixos preços

Apesar da guerra entre as grandes mineradoras os americanos do Wisconsin continuam lavrando o Taconito Gogebic com somente 20-25% de ferro. Isso está sendo possível graças a legislação criada pelo Estado que encoraja o desenvolvimento de minas e paga excelentes salários aos mineiros. A região é pouco habitada e o Governador Scott Walker acelerou as licenças o que criou milhares de novos empregos.

Uma nova, mina no Taconito Gogebic de baixo teor, vai criar 2.834 novos empregos graças ao governo local. As estradas estão sendo construídas, os salários pagos, os equipamentos comprados e a economia local deverá receber investimentos de 1,5 bilhões de dólares.

Fonte: www.geólogo.com.br

37-17/10/2014

Boston Company Asset acquire 5,07% da Magnesita

O The Boston Company Asset Management LLC adquiriu 14.367.633 ações ordinárias da Magnesita Refratários, o que representa 5,07% dos papéis ordinários de emissão da Companhia. O aumento da participação nas ações tem o exclusivo objetivo de investimento, não havendo qualquer interesse em alterar a composição do controle ou estrutura administrativa da Magnesita.

Fonte: Brasil Mineral

38-17/10/2014

Apesar dos problemas econômicos o Governo da Zâmbia aumenta os royalties e afugenta mineradoras

Um país pobre que depende totalmente da mineração do cobre, que representa 90% das suas exportações, não pode afugentar os investidores, o seu maior patrimônio. Parece que esta verdade não sensibiliza o Governo da Zâmbia que decidiu aumentar os royalties sobre a mineração já no ano que vem.

Segundo a canadense First Quantum Minerals, que é a maior investidora estrangeira da Zâmbia e uma das grandes produtoras de cobre do mundo, não será possível implantar novos projetos minerais na Zâmbia após a subida dos royalties. A First Quantum, que também é a maior recolhadora de impostos do país, acaba de paralisar um investimento de US\$1 bilhão em função da ameaça governamental.

Fonte: www.geólogo.com.br

39-17/10/2014

Dívida da MMX Sudeste é de R\$ 500 milhões

Mineradora de Eike Batista entrou com pedido de recuperação judicial em Minas Gerais, e já demitiu 200 funcionários

RIO - Com uma dívida de R\$ 500 milhões, segundo fonte, a MMX Sudeste, unidade de negócios da mineradora de Eike Batista, entrou com pedido de recuperação judicial nesta quinta-feira na Justiça estadual de Minas Gerais, em Belo Horizonte. O processo foi distribuído na 1ª Vara Empresarial, cujo titular é o juiz Ronaldo Claret de Moraes. O advogado Sérgio Bermudes, da defesa do empresário, já tinha informado que a intenção era pedir proteção da Justiça em face dos problemas financeiros que a empresa vem enfrentando.

"Não obstante os esforços da administração na negociação com credores e na busca por potenciais investidores, o pedido de recuperação judicial configurou-se como a alternativa mais adequada diante da situação econômico-financeira da Companhia. A medida visa a preservar o valor da Companhia, sua função social e o estímulo à atividade econômica, atendendo de forma organizada aos interesses de seus credores e acionistas e contingenciando de maneira responsável os recursos existentes em caixa", informa a nota da empresa.

— A empresa entra em recuperação judicial por conta da situação geral do conglomerado do qual faz parte. Como as outras companhias do grupo EBX, sofreu os atropelos e contratempos causados pela situação de OGX e OSX — explicou Bermudes.

O Sistema Sudeste é composto pelas unidades Serra Azul e Bom Sucesso, ambas em Minas Gerais. A primeira delas teve suas atividades paralisadas no início do mês passado, quando os trabalhadores entraram em férias coletivas. Desde fevereiro, a lavra foi suspensa em parte do complexo por decisão da Secretaria de Meio Ambiente de Minas Gerais. A queda no preço do minério de ferro, que acumula perda de 37% no ano, fechando com preço de US\$ 83,90 na quarta-feira, seria o principal entrave à operação.

A MMX já demitiu 200 trabalhadores em Minas Gerais, o equivalente a dois terços do quadro de funcionários, segundo Agostinho Sales, presidente do Sindicato Metabase de Bumadinho. Os funcionários demitidos, no entanto, têm preferido garantir o recebimento da rescisão contratual a permanecer no quadro da mineradora.

— Os trabalhadores querem ao menos garantir o acerto enquanto a empresa tem condições de pagar. Os outros 130 funcionários só serão demitidos a pedido — afirmou Sales. — Os que ficaram vão cuidar da segurança e manutenção de equipamentos. Há ainda 90 trabalhadores da MMX nas bases da MMX no Rio de Janeiro e em Corumbá — acrescentou.

Em reunião realizada nesta quinta-feira em Belo Horizonte, a MMX anunciou, continua Sales, que acredita na retomada das atividades da mina se o embargo ambiental cair. Funcionários têm sido realocados, ainda segundo o sindicalista, para Congonhas (MG) e Vitória (ES), bem como indicados para outras mineradoras.

No mercado, o pedido de recuperação pela MMX Sudeste era dado como certo já há um par de meses. A demora da companhia em fazer isso pode ser explicada pelo fato de que buscava um parceiro para o negócio, avaliam especialistas.

— Demoraram tempo demais para pedir a recuperação. Acho que mais pela tentativa de alienar o patrimônio para solver compromissos financeiros, e menos pelo entrave ambiental. Eles não tinham o objetivo de continuidade de exploração, mas o de transferir a mina — avalia o advogado Alexandre Gontijo, que representa credores da OSX e acompanha os negócios do grupo de Eike Batista.

Com Serra Azul parada, continua Gontijo, o plano de recuperação elaborado pela MMX Sudeste deve cobrir a alienação do complexo minerário.

— O preço do minério está baixo, mas a mina é um ativo muito importante. É um caso menos prejudicial ao credor que nas outras empresas do grupo. Há patrimônio para vender ou arrendar, gerar caixa e cumprir obrigações junto aos credores — diz ele.

Segundo uma fonte da Secretaria de Meio Ambiente de Minas Gerais, a MMX, de fato, mudou a conduta para o envio de informações ao órgão para tentar reverter o embargo da mina.

— Até alguns meses atrás, a empresa estava empenhada em resolver a questão. Agora, parece que não tem pressa.

O processo iniciado em Belo Horizonte, eventualmente, reconhece Bermudes, pode ser transferido para a Justiça do Rio de Janeiro a pedido de algum credor, pois a administração das empresas do grupo X está concentrada na cidade.

Fonte: O Globo

40-17/10/2014

Envie o resumo do seu trabalho para participar do XXVI ENTMMME

XXVI Encontro Nacional de Tratamento de Minérios e Metalurgia Extrativa acontecerá entre 18 a 22 de outubro de 2015 em Poços de Caldas, Minas Gerais.

1. Endereço eletrônico do evento: <http://www.entmme.org/>
2. Endereço de correio eletrônico: entmme2015@unifal-mg.edu.br

Esta aberta a submissão de artigos. O prazo vai até dia **15/12/2014**

Maiores informações sobre áreas temáticas no link [seguinte](http://www.entmme.org/submissao/areas-tematicas)<http://www.entmme.org/submissao/areas-tematicas>

Aproveite esta oportunidade para participar deste importante Encontro!

Fonte: InfoMine

41-17/10/2014

FAPEMA E VALE ASSINAM PROTOCOLO PARA PESQUISA EM MINERAÇÃO

Tornar o Maranhão um centro de pesquisa no campo de conhecimento da Mineração. Esse é um dos objetivos da parceria firmada entre a Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão - Fapema e Vale.

Um protocolo de intenções de cooperação para pesquisa foi assinado entre as partes durante reunião no final da tarde de quarta-feira (15), no auditório do pavilhão da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia - SNCT, que acontece até sábado (18), na área externa do São Luís Shopping.

Fonte: 180 graus

42-17/10/2014

BAHIA TENTA ATRAIR SÓCIOS PARA MEGAPORTO

O governo da Bahia publica, na edição de hoje do Diário Oficial do Estado, edital para selecionar empresas privadas interessadas na exploração do Porto Sul de Ilhéus. O edital deflagra formalmente o processo de busca e seleção de acionistas privados para a constituição de uma sociedade de propósito específico que será responsável pela construção, operação e exploração da zona de apoio logístico (ZAL) e pelas instalação de um terminal de uso privado (TUP) no megacomplexo portuário.

As empresas escolhidas serão investidoras e sócias majoritárias no projeto. De acordo com o edital, a escolha das empresas ou consórcios se dará por meio de cotas distribuídas entre os selecionados, variando de 51% (para o primeiro escolhido) até 10% (para o quarto). Caberá ao governo estadual uma participação minoritária, mas detendo uma "golden share", um tipo de ação que resguarda ao governo determinados poderes de veto em decisões estratégicas. O objetivo é manter sob controle eventuais decisões que comprometam a sociedade ou mesmo o futuro do complexo, além de garantir a outros interessados que possam usar o porto com as mesmas condições, sem nenhuma restrição econômica.

O prazo para a apresentação de ofertas pelas empresas é de 45 dias. "Temos vários investidores interessados", diz o chefe de gabinete da Casa Civil da Bahia, Bruno Dauster. Mineradoras e produtores de commodities agrícolas, como soja, encabeçam a lista. As empresas selecionadas poderão explorar as instalações por 30 anos.

O investimento mínimo inicial previsto no edital será de R\$ 1,3 bilhão, nos próximos cinco anos, para as instalações de infraestrutura do terminal. Outro terminal, contíguo, faz parte do megaporto e será construído pela Bahia Mineração (Bamin). Ela explora minério de ferro no município de Caetitê.

Depois de quatro anos de idas e vindas, a autorização para o início das obras foi dado, pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), no dia 22 de setembro.

Para emitir a licença, o Ibama definiu 29 programas de compensações socioambientais. O governo baiano acredita que a construção dos dois terminais vai receber investimentos de R\$ 3 bilhões e gerar dois mil empregos diretos.

No 25º ano de funcionamento do megacomplexo, a previsão é que o Porto Sul chegue a movimentar 100 milhões de toneladas por ano, o suficiente para colocá-lo na seleta relação dos cinco mais importantes do país. Ele é o ponto de chegada da Ferrovia de Integração Oeste-Leste (Fiol), obra tocada pela estatal Valec, que o Ministério dos Transportes promete entregar até o fim de 2015. A ferrovia, orçada em R\$ 4,3 bilhões, está atrasada e tem esbarrado em problemas para avançar. O empreendimento permitirá escoar o minério da Bamin.

Fonte: Valor Econômico

43-17/10/2014

BRASIL TEM 321 PROJETOS DE MINERAÇÃO

O Brasil tem 115 empresas relacionadas à pesquisa mineral no Brasil, com 321 projetos, segundo dados do DNPM compilados em abril deste ano. Do total, são 127 de ouro, 97 de metálicos (alumínio, nióbio), 53 de ferrosos e 44 de não metálicos (fosfato, potássio). Os números foram apresentados nesta quinta-feira (16) pelo coordenador operacional da Agência para o Desenvolvimento Tecnológico da Indústria Mineral Brasileira (Adimb), Gustavo Mello, durante evento em Belo Horizonte (MG).

Segundo Mello, para o DNPM existem milhares de minas no país, mas operações de mineração se restringem a 140. Mais da metade dessas operações fica em Minas Gerais, que tem 74 minas. Não estão incluídas minas para a produção de cimento.

Pará e Goiás dividem o segundo lugar, com 13 cada. A Bahia aparece na sequência, com 10 minas. Em todo o Brasil, 16 Estados possuem minas. Das 140 minas, 57 são de ferro, 39 de metálicos, 23 de não metálicos e 21 de ouro.

Mello disse que o Brasil é um global player de nióbio, tântalo, grafita, ferro, manganês e bauxita. O país entra na categoria de exportador para estanho, níquel, magnésio, ouro e cromo. É considerado autossuficiente em cobre e titânio, e dependente de potássio e terras-raras. O geólogo aposta no crescimento do mercado de fosfato no país.

“O Brasil tem muitas reservas de fosfato, mas no Marrocos tem mais e é mais barato. Sai mais barato importar do que produzir no Brasil, apesar dos incentivos que o governo federal tem oferecido. Eu acredito que o mercado de fosfato no país está em expansão, com a abertura de minas ligadas a fertilizantes”, disse Mello.

Quanto às terras-raras e o potássio, o coordenador operacional da Adimb é menos otimista. Segundo ele, há uma dificuldade com a produção de potássio devido à quantidade resultante de sal de potássio, que não tem um destino determinado.

“A China é um grande player de terras-raras e tem alto volume de produção, porque não respeita algumas limitações ambientais. Quando é feita a quebra da monazita, tem-se um rejeito que é radioativo. Muitos projetos de terras-raras no Brasil não vão para frente, porque não há um procedimento que não gere tanto rejeito radioativo ou que trabalhe com elementos que não gerem esse rejeito”, afirmou Mello.

O geólogo falou também sobre as fases e prazos de um projeto de pesquisa mineral em dez anos. Segundo ele, tem-se uma base de referência em que na definição de áreas potenciais são estipulados 1000 alvos; na exploração inicial, o número cai para 100 alvos; posteriormente, com a sondagem exploratória, são definidos 15 depósitos; após a definição de recursos e estudos de viabilidade, tem-se quatro jazidas; para implantação e operação, chega-se a uma mina.

Mello palestrou na manhã de hoje no 25º Simpósio Minerário-Metalúrgico da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que é realizado nesta semana em Belo Horizonte (MG). O tema do seminário foi “Tendências para Exploração Mineral no Brasil”. O evento conta com o apoio editorial do NMB.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

44-17/10/2014

VALE PROPÕE PAGAMENTO DE REMUNERAÇÃO AO AÇIONISTA

A Vale informa que a Diretoria Executiva aprovou e submeterá à deliberação do Conselho de Administração proposta para pagamento da segunda parcela de remuneração mínima aos acionistas da Vale em 2014, no valor de US\$ 2,1 bilhões, conforme anunciado ao mercado em 30 de janeiro de 2014, equivalente a US\$ 0,407499945 por ação ordinária ou preferencial em circulação, com base no número de ações em 29 de agosto de 2014 (5.153.374.926).

O Conselho de Administração da Vale apreciará a proposta da Diretoria Executiva na reunião agendada para o dia 16 de outubro de 2014 e, se aprovada, o pagamento de US\$ 2,1 bilhões será realizado em 31 de outubro de 2014. Os valores em reais serão obtidos mediante a conversão dos valores em dólares norte-americanos pela taxa de câmbio de venda do dólar norte-americano (PTAX - opção 5) informada pelo Banco Central do Brasil no dia 15 de outubro de 2014.

Uma vez aprovada a proposta pelo Conselho todos os investidores que possuem ações da Vale nas record dates terão o direito ao recebimento da remuneração. A record date para as ações de emissão da Vale negociadas na BM&FBovespa será o dia 16 de

outubro de 2014. A record date para os detentores de ADRs de emissão da Vale negociados na New York Stock Exchange (NYSE) e na Euronext Paris será o dia 21 de outubro de 2014 e para os detentores de HDRs de emissão da Vale negociados na Hong Kong Stock Exchange (HKEx) será o encerramento dos negócios em Hong Kong do dia 21 de outubro de 2014.

As ações da Vale serão negociadas ex-direitos a partir de hoje, 17, na BM&FBovespa, NYSE e Euronext Paris e a partir de 20 de outubro de 2014 na HKEx.

Caso a proposta seja aprovada pelo Conselho - computando-se a primeira parcela da remuneração mínima paga a partir do dia 30 de abril, a Vale terá distribuído a seus acionistas US\$ 4,2 bilhões em 2014.

Fonte: Assessoria Vale

45-17/10/2014

Decisão sobre recuperação da MMX pode sair terça-feira

Por **Francisco Góes e Rafael Rosas** | **Do Rio**

O pedido de recuperação judicial da MMX Sudeste Mineração S.A., de Eike Batista, foi distribuído ontem à 1ª Vara Empresarial do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJ-MG), em Belo Horizonte, a cargo do juiz Ronaldo Claret de Moraes. A expectativa é de que o juiz possa decidir até terça-feira se o pedido atende os requisitos legais, segundo fontes próximas da empresa, embora Moraes não tenha se pronunciado sobre o caso. Se o pedido for aceito, a MMX terá 60 dias, a partir da publicação do deferimento, para apresentar o plano de recuperação aos credores.

O pedido de recuperação judicial da MMX tornou-se um processo anexo, um "apenso" no jargão jurídico, de outra ação envolvendo a empresa no TJ-MG. A ação principal se relaciona com um pedido de falência da própria MMX Sudeste Mineração feito pela empresa Vision Engenharia e Consultoria. O pedido de falência foi distribuído, em novembro de 2013, também à 1ª Vara Empresarial do TJ-MG.

Na ação, a Vision afirmou que a MMX estava inadimplente em R\$ 546,4 mil. A Vision disse ter celebrado, em fevereiro do ano passado, contrato para fornecimento de dois equipamentos com a MMX Sudeste no valor de R\$ 7,2 milhões. E que, a partir de julho do ano passado, a MMX teria ficado inadimplente em parcelas vencidas e não pagas de R\$ 546,4 mil.

A MMX contestou a ação da Vision e, ao mesmo tempo, fez um depósito "elisivo" (para afastar o perigo da falência), no valor do crédito apontado na ação, mais correção monetária e honorários advocatícios. O juiz que agora cuida do pedido de recuperação judicial da MMX negou, em 1ª instância, o pedido de falência feito pela Vision e a empresa fez uma apelação cível à 2ª instância do TJ-MG, processo que ainda se encontra em fase de processamento. Procurados, os advogados da Vision não foram

localizados para comentar a ação. Fonte afirmou que um processo não está subordinado ao outro: "São dois processos diferentes, mas foram distribuídos para um mesmo lugar, o que se chama distribuição por dependência."

A decisão de pedir a recuperação judicial da MMX Sudeste buscou preservar a companhia, que é uma subsidiária da MMX Mineração e Metálicos S.A., empresa listada na bolsa de valores. Em fato relevante divulgado na quarta-feira, a MMX afirmou que, apesar dos esforços da empresa na negociação com credores e na busca por potenciais investidores, o pedido de recuperação judicial configurou-se como a alternativa mais adequada diante da situação econômico-financeira da companhia.

46-17/10/2014

Vale: Operações com governo da Indonésia podem se estender até 2045 Por **Daniela Meibak | Valor**

SÃO PAULO - A Vale anunciou nesta sexta-feira que a subsidiária PT Vale Indonésia assinou aditivo ao seu contrato de trabalho de 1996, que expirará em dezembro de 2025, com o governo da Indonésia. A empresa tem a partir de agora o direito de estender suas operações até 2045, por dois períodos consecutivos de 10 anos, sujeito à aprovação do governo do país.

O aditivo do contrato compreende redução imediata do tamanho atual da área concedida em 38%, de 190.510 hectares, que inclui as áreas de proteção ambiental, para 118.435 hectares, preservando as áreas de mineração mais relevantes.

No vencimento do contrato em dezembro de 2025, a companhia manterá 25.000 hectares como zonas mineralizadas que propõe explorar. As áreas não designadas como zonas mineralizadas após essa data podem ser utilizadas para operações ou outros fins.

Segundo o comunicado, isso representa uma renegociação do espaço territorial da concessão, o qual será suficiente para suportar os investimentos e planos de crescimento de longo prazo da Vale Indonésia.

O aditivo prevê também um royalty progressivo de 2%, podendo alcançar 3% dependendo do preço do níquel, com o objetivo de refletir a realidade econômica do mercado de níquel.

Há ainda exigência para a subsidiária da mineradora brasileira vender mais 20% de suas ações para investidores locais na Bolsa de Valores da Indonésia. Esse requerimento está alinhado com a exigência do governo para mineradoras integradas terem pelo menos 40% de suas ações detidas por investidores locais. A companhia tem mais de cinco anos para executar essa transação. A Vale informa ainda que manterá seu direito por 80% sobre a produção da subsidiária.

“O aditivo é consistente com o objetivo da Vale de gerar valor no longo prazo para os seus acionistas e os acionistas da Vale Indonésia e contribuir com o desenvolvimento do país”, afirma a empresa no comunicado. Esse aditivo também estabelece a base para a otimização do fluxograma global do negócio de metais básicos da empresa, diz o aviso.

47-17/10/2014

Companhias chinesas cortam fortemente os seus investimentos

Por **Koh Gui Qing e Brenda Goh | Reuters, de Pequim e Xangai**

As empresas chinesas devem cortar seu gastos de capital em cerca de 7% neste ano, na maior redução anual desde a crise financeira mundial, o que aprofundará o desaquecimento econômico.

A redução dos investimentos das empresas ressalta os desafios que a China enfrenta neste ano para conter uma desaceleração econômica que deverá ser a pior em 24 anos e que foi agravada por um mercado imobiliário desaquecido.

Os cortes poderão persistir, e a economia chinesa, que baseou-se muito em investimentos, terá de acelerar o esforço por reequilíbrio para fomentar o crescimento.

Incertezas econômicas e uma campanha do governo para reduzir setores que são grandes poluidores ou estão "empacados", com excesso de produtos não vendidos, significa que o investimento poderá cair também no próximo ano, é o que sugerem entrevistas com empresários e analistas.

Uma análise da Reuters abrangendo 335 empresas chinesas - de farmacêuticas a fabricantes de máquinas - mostra que o investimento deverá encolher 7,3% neste ano, ou 74 bilhões de yuans (US\$ 12,1 bilhões) - em relação a níveis de 2013, de acordo com dados da Thomson Reuters StarMine.

Para muitas empresas, como a Yunnan Tin, cujas vendas e lucros foram atingidos pela desaceleração chinesa, ser frugal é uma questão de sobrevivência. Em média, analistas acreditam que a empresa, que é a maior produtora de estanho no mundo, reduza seus gastos de capital em 81% neste ano. "Achamos que a crise econômica persistirá, e por isso é melhor ficarmos de olho em nossa carteira", disse Pan Wenhao, do conselho de administração da Yunnan Tin, que teve prejuízo líquido de 1,27 bilhões de yuans no ano passado.

Outras [empresas] também estão assumindo posturas mais enxutas em tempos difíceis.

Um estudo da Reuters mostrou que o montante de recursos em caixa em 726 empresas cresceu 13% nos seis primeiros meses deste ano, em relação ao mesmo período no ano passado, à medida que as empresas cortaram seus investimentos em face de incertezas.

A fuga para segurança ocorre num momento em que a economia chinesa deverá crescer ao menor ritmo em cinco anos, no terceiro trimestre, pois o crescimento mais lento do investimento e a crise no setor imobiliário frearam ainda mais a atividade econômica.

Analistas consultados pela Reuters estimam que a economia chinesa cresceu provavelmente 7,2% de julho a setembro, o resultado mais fraco desde o primeiro trimestre de 2009, quando o mundo sofria com a crise financeira.

Sem recuperação à vista, empresas como a Anhui Jinhe Industrial, que fabrica produtos químicos, dizem preferir operar com segurança. Ela pretende parar de investir na ampliação de sua capacidade a partir deste ano, por um período não especificado, enquanto tenta reduzir a "gordura" da empresa e intensificar a automação, disse, em março, a companhia em seu relatório anual relativo a 2013. "A partir de 2014, e por um longo período, o ambiente econômico provavelmente ficará mais complicado."

Os investimentos têm sido um motor essencial para a economia chinesa. Eles foram responsáveis por 54% do crescimento no ano passado, tendo as injeções privadas correspondido a 63% do total de 43,7 milhões de yuans (US\$ 7,1 trilhões) em investimentos.

Refletindo a vacilante economia chinesa, os dados deste mês deverão revelar que o crescimento anual dos investimentos caiu para perto de um mínimo em 13 anos, de 16,2%, de janeiro a setembro.

Não está claro se a desaceleração será predominantemente devida ao esfriamento da economia chinesa ou resultado dos esforços das autoridades para eliminar a dependência do país de investimentos pesados. Mas o que é certo é que as empresas do setor de energia e os fabricantes de máquinas - pesos pesados habituais em investimentos de capital - estão na dianteira do esforço de poupar, ao lado de empresas de telecomunicações, alimentícias, de bebidas e das fabricantes de cigarros.

A PetroChina, uma das duas maiores importadoras chinesas de gás, reduzirá seus investimentos em cerca de 11 bilhões de yuans, neste ano, em relação ao anterior, segundo dados da Reuters. Será a primeira vez que a companhia corta investimentos desde sua estreia no mercado de ações, em 2000. Da mesma forma, prevê-se que a mineradora China Coal Energy deverá reduzir seus gastos em 7,5 bilhões de yuans neste ano.

"Nos tradicionais setores industriais, receio que os gastos das empresas continuarão a encolher", disse Cai Jin, vice-presidente da Federação Chinesa de Logística e Compras, que compila o índice oficial de gerentes de compras. "Devido às reformas estruturais, não há necessidade de tanto carvão, tanto minério de ferro e tanto aço."

Depois de 30 anos de crescimento espetacular, superior a 10% ao ano, que tirou milhões de chineses da pobreza, mas também impactou o ambiente e deixou o governo e bancos com pilhas de dívidas, a China está pronta para mudar. Quer reduzir o endividamento,

diminuir a poluição e elevar o consumo interno para preparar sua economia, mais amadurecida, para um crescimento mais lento, mas de melhor qualidade.

A mudança, que inclui desacostumar a economia chinesa da dependência em relação às exportações, ao crédito fácil e aos altos investimentos, exigiria que o país pagasse o preço de viver com menor crescimento no curto prazo. Analistas projetam crescimento econômico de 7,4% neste ano.

Como resultado, empresas como a Hebei Iron & Steel, maior siderúrgica do país, preparam-se para tempos de austeridade. A empresa divulgou que não vai embarcar em novos projetos em 2014 e vai limitar o orçamento após o governo ter vetado novos projetos siderúrgicos até 2017. "Dada a situação de oferta e demanda e a queda dos lucros do setor, uma situação financeira mais pressionada tornou-se o 'novo normal'", disse a Hebei em seu balanço semestral.

48-17/10/2014

Novelis fecha até o fim do ano unidade de alumínio em MG

Por **Olivia Alonso** | De São Paulo

Em mais uma evidência das dificuldades da indústria brasileira do alumínio primário, a Novelis anunciou ontem que vai fechar sua operação em Ouro Preto (MG), onde ainda tinha capacidade para produzir 30 mil toneladas ao ano. Em 2013, a empresa havia cortado 20 mil toneladas na mesma unidade.

O movimento já era aguardado, dada a situação complicada do setor e o foco da Novelis em laminação. Ouro Preto era a última operação de alumínio primário da Novelis em todo o mundo. Subsidiária da Hindalco, do grupo indiano Aditya Birla Group (ABG), a empresa segue no Brasil sua estratégia global de concentrar sua operação em laminados, como chapas, folhas e embalagens, e em reciclagem de alumínio.

O alto custo de energia no Brasil e o baixo preço do alumínio no mercado global aceleraram a decisão, disse Tadeu Nardocci, presidente da Novelis América do Sul, ao **Valor PRO**, serviço de informação em tempo real do **Valor**.

Nardocci afirmou que a companhia vinha buscando alternativas, com gestão de custo e eficiência, mas não tinha competitividade. "Somos os últimos a fechar uma operação nessa escala. Mas além da conjuntura nacional de alto preço da energia, somos uma unidade antiga, de baixa escala. Não tínhamos condição de competir em alumínio", disse. A unidade foi fundada em 1934 e comprada em 1950 pela companhia. Nos últimos meses, estava produzindo 18 mil toneladas de tarugos ao ano, menos de 3% da produção nacional do produto.

O fechamento da operação é o quarto em cinco anos, o que tem configurado o definhamento dessa indústria no Brasil. Em 2009, a Valesul encerrou sua unidade de Santa Cruz (RJ), onde tinha capacidade para 98 mil toneladas. No ano seguinte, a própria Novelis fechou sua fábrica de Aratu (BA), onde produzia outras 60 mil

toneladas. Neste ano, a Alcoa fechou suas portas em Poços de Caldas (MG), com capacidade para 98 mil toneladas. Na soma, pouco mais de 300 mil toneladas deixaram o mercado.

Considerando também cortes de linhas produtivas, a queda da produção brasileira nos últimos anos é da ordem de 40%, cerca de 740 mil toneladas. A Alumar (consórcio da Alcoa e da BHP Billiton) e a Votorantim Metais (CBA) estão reduzindo operações desde o ano passado.

A energia passou de 43% dos custos das empresas do segmento em 2008 para 55% no ano passado, segundo a Associação Brasileira do Alumínio (Abal). "A situação [do alumínio primário] vai depender muito de como se desenvolverá nos próximos anos a questão de custo de energia", disse Nardocci.

O fechamento da unidade de Ouro Preto, que empregava 360 pessoas, será concluído até o fim deste ano. Nardocci afirma que a Novelis está disposta a transferir funcionários para outras unidades e está em contato com o sindicato para negociações. A empresa faz laminação em Pindamonhangaba e Santo André (SP) e centros de reciclagem. Também em Ouro Preto, a Hindalco está montando uma indústria química para produzir hidratos e aluminas especiais.

Segundo Nardocci, a Novelis mantém seus planos de crescimento em laminação e reciclagem de alumínio no Brasil. "De forma alguma essa decisão é contrária a nossa estratégia no Brasil. Temos investido em laminação e reciclagem e acreditamos muito no potencial do mercado", afirmou.

A companhia concluiu neste ano a ampliação de sua capacidade de laminação de alumínio em Pindamonhangaba (SP) - de 400 mil para 600 mil toneladas ao ano -, com investimento de US\$ 340 milhões. Com outros US\$ 106 milhões, expandiu em 200 mil toneladas sua capacidade de reciclagem, para 390 mil toneladas ao ano, e fez uma linha de pintura para chapas de alumínio, sendo que os dois projetos entram em operação comercial neste mês.

Com 70% de suas vendas no Brasil direcionadas ao setor de embalagens, a Novelis vai terminar o ano com crescimento de faturamento, diz Nardocci. No mercado de bebidas, cresceu 18% neste ano, até o momento, com as vendas impulsionadas pela Copa do Mundo. O verão e o tempo seco são vetores favoráveis para os próximos meses, afirma.